

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

VERÔNICA OLIVEIRA FERNANDES

**O SIMBOLISMO DA CASA NAS NARRATIVAS DE ARTE E
MEMÓRIA**

GOIÂNIA
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Verônica Oliveira Fernandes**

Título do trabalho: **O SIMBOLISMO DA CASA NAS NARRATIVAS DE ARTE E MEMÓRIA**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **VERÔNICA OLIVEIRA FERNANDES, Discente**, em 18/04/2022, às 19:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glayson Arcanjo De Sampaio, Professor do Magistério Superior**, em 18/04/2022, às 22:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2825048** e o código CRC **4F15828E**.

Referência: Processo nº 23070.015837/2022-49

SEI nº 2825048

VERÔNICA OLIVEIRA FERNANDES

**O SIMBOLISMO DA CASA NAS NARRATIVAS DE ARTE E
MEMÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Bacharelado da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Fernandes, Verônica Oliveira
O Simbolismo da Casa nas Narrativas de Arte e Memória
[manuscrito] / Verônica Oliveira Fernandes. - 2022.
LXXXV, 85 f.: il.

Orientador: Prof. Glayson Arcanjo de Sampaio.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2022.

Bibliografia. Apêndice.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. casa. 2. imaginário. 3. cotidiano. 4. memória. I. Sampaio, Glayson Arcanjo de, orient. II. Título.

CDU 7

Na qualidade de titular dos direitos de autor, eu, Verônica Oliveira Fernandes, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar gratuitamente a versão final deste trabalho de Conclusão de Curso para fins de consulta, leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção artística e científica brasileira, a partir de 15 de abril de 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 7 dias do mês de abril do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**O SIMBOLISMO DA CASA NAS NARRATIVAS DE ARTE E MEMÓRIA**”, de autoria de **Verônica Oliveira Fernandes**, estudante do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Dr. Glayson Arcaño de Sampaio - orientador FAV/UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1 - Dra. Eliane Maria Chaud FAV/UFG; membro 2 - Dr. Odinaldo da Costa Silva FAV/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9(nove), tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 07/04/2022, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Maria Chaud, Professora do Magistério Superior**, em 07/04/2022, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glayson Arcaño De Sampaio, Professor do Magistério Superior**, em 07/04/2022, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2791721** e o código CRC **4CEA989D**.

VERÔNICA OLIVEIRA FERNANDES

O SIMBOLISMO DA CASA NAS NARRATIVAS DE ARTE E MEMÓRIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Bacharelado da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais.

Aprovado em 07 de abril de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio (orientador)

Prof^a. Dr^a. Eliane Maria Chaud

Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva

DEDICATÓRIA

A todas as minhas casas:

Minha Bisavó Dalva

Minha vó Tácita

Minha Mãe Dalva

Minha família e amigos.

RESUMO

Essa pesquisa em artes tem por interesse investigar o simbolismo da casa, com objetivo de compreender como esses símbolos, que são casas ou representações da casa, estão presentes em minhas práticas artísticas em fotografia, desenho e caderno de artista. Penso a casa não apenas em sua forma física, mas parto desse ideal para expandi-lo em narrativas e histórias, nominando esses símbolos como casas da infância, casa como abrigo, casa-corpo e casa-prisão. A fim de compreender a presença desse simbolismo da casa em desenhos e escritas de si, produzidos nas páginas de dois cadernos elaborados no decorrer desta pesquisa, teço aproximações com estudos da pesquisadora e educadora Adriana de Souza Jordão Gonçalves e com escritos do filósofo Gaston Bachelard.

Palavras-chave: Casa; Imaginário; Cotidiano; Memória.

ABSTRACT

Esta investigación en artes tiene por interés en investigar el simbolismo de la casa, con el objetivo de comprender cómo estos símbolos, que son casas o representaciones de la casa, están presentes en mis prácticas artísticas en fotografía, dibujo y cuaderno de artista. Pienso en la casa no solo en su forma física, sino que parto de este ideal para expandirlo en narrativas y relatos, nombrando estos símbolos como casas de infancia, casa como refugio, casa-cuerpo y casa-cárcel. A fin de comprender la presencia de esos simbolismos de la casa en dibujos y escritos del yo, producidos en las páginas de dos cuadernos elaborados durante esta investigación, realizo aproximaciones con estudios de la investigadora y educadora Adriana de Souza Jordão Gonçalves y con escritos del filósofo Gastón Bachelard.

Palabras llave: Casa; Imaginario; A diario; Memoria.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Nan and Brian in Bed	14
Figura 2: Cookie in Tin Pan Alley.....	14
Figura 3: Gilles and Gotscho at home	15
Figura 4: Ducha	16
Figura 5: Pé de mamão	17
Figura 6: Varal	18
Figura 7: Céu de fogo	19
Figura 8: Horizonte. 2019	20
Figura 9: Marcas I	21
Figura 10: Marcas II	22
Figura 11: Cama dos meus pais	23
Figura 12: Pôr do sol variáveis	23
Figura 13: Contém afetos	26
Figura 14: Sem título	27
Figura 15: Sem título	28
Figura 16: A queda	33
Figura 17: Vincent	34
Figura 18: As duas Fridas	36
Figura 19: Dualidades	37
Figura 20: Pequenas casas	38
Figura 21: Sem título	40
Figura 22: Sem título	41
Figura 23: Sem título	42
Figura 24: The House of Small Cubes	44
Figura 25: Sem título	46
Figura 26: Sem título	47
Figura 27: Sem título	49
Figura 28: Sinto saudades de tudo, inclusive de mim #2	50

Todas as imagens deste trabalho são de minha autoria, exceto aquelas com indicação de autores nas legendas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CASA: DENTRO E FORA	11
2. SOU MEU LAR: PEQUENAS CASAS	30
3. UMA PARTE DE MIM	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE (CADERNO DE ARTISTA 1; CADERNO DE ARTISTA 2)	54

INTRODUÇÃO

Penso na palavra casa e percebo como ela significa habitação, no sentido de um lugar que possibilita fazer morada, nos abrigar. Para mim, a casa é uma habitação que acolhe, um lugar onde construímos vínculos, criando e guardando lembranças.

Precisei ficar distante da casa para perceber que não sou nada sem ela. Minha história e minhas vivências sempre fizeram parte do meu processo de criação, mas só percebi essa conexão entre a casa e os meus trabalhos durante esta pesquisa.

Nesta pesquisa me questiono o porquê conto minha história e de que modo escolho contá-la em minhas produções visuais. Para chegar à resolução desta pergunta, percebi que era preciso compreender a relação que une o simbolismo¹ da casa com as minhas memórias e como essas se projetam nos meus processos de criação. Diante disso, justifico a necessidade em contar e registrar minha história por meio de desenhos e escrita de si² nos cadernos de artista, e também pelas fotografias, quando percebo que posso esquecer. Tenho medo de esquecer minha história e por esse motivo a registro a fim de ter arquivo que me permita lembrar, caso a memória falhe. Registro também porque sei que irei sentir saudade.

Estruturo essa pesquisa em três capítulos, pelos quais irei discorrer sobre os símbolos que criei para falar das minhas casas. Estes símbolos, em sua maior parte, referem-se ao sentir-se em casa, narrando minha vida por meio das memórias, das emoções, do autoconhecimento, dos lugares e das pessoas presentes em minha história. Para executá-la, tive como recurso o caderno de artista, me fiz próxima de autores e artistas que dialogam com meu tema, além de refletir os trabalhos de minha autoria.

O caderno de artista pode ser visto por completo no corpo do apêndice, possibilitando também conhecer um pouco mais sobre o processo de criação dos dois cadernos apresentados nesta pesquisa.

No primeiro capítulo, “Casa: dentro e fora”, discorro sobre as casas físicas das minhas memórias, indo ao encontro da casa da infância, símbolo e ponto de origem de toda essa discussão. Com o propósito de tornar nítido o entendimento desse símbolo, me aproximei da

¹ Penso a casa não apenas em sua forma física, mas parto desse ideal para expandir a ideia de casa. A fim de compreender o simbolismo da casa em meus procedimentos, nomino esses símbolos da seguinte maneira: casas da infância, casa-corpo, casa-prisão entre outros.

² O termo escrita de si refere-se a narrativa em primeira pessoa, em que o autor durante a escrita de si, narra a si mesmo para os seus leitores. É importante dizer que durante a escrita, o autor não se narra com olhar absoluto de quem conhece a situação narrada por completo, ele se constitui à medida que narra. Portanto enquanto prática a escrita de si, além de se mostrar ao outro ele também se conhece a medida que escreve. Uma indicação para o estudo do termo é o filósofo Michel Foucault.

série fotográfica “The Ballad of Dependency Sexual” da artista fotógrafa Nan Goldin³ e do objeto intitulado “contém afetos” de Helena Alibio, como forma de criar diálogos com a artista, tanto na obra citada, quanto através de sua monografia, intitulada “Onde habitam os afetos?” Ainda neste capítulo, busco estabelecer conversas com Adriana de Souza Jordão Gonçalves em sua tese de doutorado “Do imaginário à narrativa: a memória da casa da infância”.

No segundo capítulo, “Sou meu lar: pequenas casas”, apresento o símbolo casa-corpo, que se refere à percepção de que me reconheço como habitação, me enxergando como um lar. Para trazer clareza acerca do entendimento de corpo como símbolo de morada, trago para a reflexão o curta “Vincent” do cineasta Tim Burton, a pintura *As duas Fridas* da pintora Frida Kahlo e da música “Furta-cor” da banda Scalene e de apoio teórico me aproximei do texto “A poética do espaço” de Gaston Bachelard.

No terceiro capítulo, “Uma parte de mim”, reflito sobre o símbolo da casa-prisão, partindo da minha vivência pandêmica dentro de casa e como esta refletiu em mim e nas minhas produções, ao proporcionar outros estados de prisões, além do isolamento social. Entre minhas referências artísticas desse capítulo estão o animador Kunio Kato com o seu curta “The House of Small Cubes”, e o artista Rogério Ghomes, com o *site specific* “Sinto saudade de tudo, inclusive de mim”. Busco tecer aproximações com a artista e pesquisadora Luciane Bucksdricker, em sua tese de doutorado “A casa secreta: uma cartografia afetiva do espaço doméstico”, com a pesquisadora e educadora Suianni Macedo no seu texto “A Inelutável ‘Presença’ do Vazio: Diálogos” e com o filósofo Gaston Bachelard, em seu livro “A poética do espaço”.

Durante as etapas de escrita percebi que passei a utilizar tais símbolos porque sempre estive à procura de um lar, mas como ter um único lar para mim não é suficiente, fiz morada em várias casas. Assim, nos capítulos que se seguem, deixo as portas destas casas abertas, para que vocês, leitores, também possam entrar nestes universos que constituem meu lar.

³ Conheci essa série de trabalhos da Nan Goldin na disciplina “Fotografia na Arte”, ministrada pelo professor Dr. Odinaldo Costa no curso Artes Visuais - Bacharelado. Após este primeiro contato parti em busca de mais informações. Encontrei, via YouTube, algumas entrevistas com falas da própria Goldin sobre a série.

1. CASA: DENTRO E FORA

Para falar da casa, das minhas casas e das casas vividas, precisarei, antes, voltar à casa da minha infância; à primeira casa onde tudo teve início. Meu primeiro lar, o lugar onde compreendi o que é abrigo.

A casa da minha infância possuía dois quartos, uma sala pequena, uma cozinha e um banheiro grande. Suas paredes eram rebocadas com um barro amarelado e o chão, de cimento queimado, vermelho e encerado. Essa casa, por dentro, sempre foi pequena e imperfeita, mas sempre supriu todas as minhas necessidades. Já o quintal, por sua vez, era gigantesco se visto pela visão da miúda criança que fui. Enquanto a casa fazia o papel de abrigo, lugar de responsabilidade e descanso, o quintal dava asas à imaginação, um mundo à parte onde tudo tornava-se possível.

Fazer morada na casa da infância hoje, ou seja, entrar e visitar, mesmo que brevemente, só me é possível por meio da imaginação, conduzida pelo sentido da visão que observa os espaços físicos das minhas memórias da infância. O habitar a casa da infância diz muito sobre o amor que sinto por este espaço no tempo passado. Segundo a pesquisadora e educadora Adriana Gonçalves:

[...] Se a casa desfeita é deixada para trás, resiste na latência, na potencialidade de reconstrução, se ela persiste no sujeito a exigir retorno, este só pode ser buscado através da memória [...] em uma progressão contínua do passado para dentro do presente, aquilo que se vive sobreposto àquilo que se viveu. Afastar-se do lar primeiro, lugar de afetividade, é impossível, pois no acúmulo de impressões que formam a memória estão conservadas as imagens e as sensações da casa original, continuamente atualizadas, revistas, percebidas e manifestadas de formas diferentes à medida que a duração vai crescendo.” (GONÇALVES, 2014, p. 16). (Grifo nosso)

A lembrança da casa da infância é persistente, e ao lembrar dela, sempre surgem fragmentos do vivido. Entendo que lembrar da casa da infância é lembrar das experiências lá vividas. Com esse pensamento, posso me lançar, de volta, a este lugar primeiro.

A noção entre o que se passa e o que já se passou se confundem, misturam-se. Percebo que recordar meu eu quando criança provoca muitas sensações e emoções, sendo a saudade a principal delas. A saudade acompanha a vontade de reviver algumas dessas memórias, trazendo para a superfície a necessidade de voltar e lembrar. Henri Bergson vem nos dizer que “a duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança. Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente.” (BERGSON, 2006, p. 47,48 apud GONÇALVES, 2014, p.18).

Quanto mais insisto em lembrar da casa da infância, mais duradoura é a memória que tenho dela, e como resultado maior é a necessidade que sinto por ela, pois não vejo o esquecimento como uma opção, mas sim uma consequência. Até houve um tempo em minha vida, que esquecer foi uma opção, isso aconteceu porque durante esse tempo estive focada apenas nas partes desagradáveis da minha história, e como fuga eu evitava as lembranças, e como consequência fui esquecendo memórias, tanto as boas quanto as ruins. É daí que vem minha obsessão em querer lembrar, guardar e registrar minhas próprias memórias. Durante o tempo que fugi delas, acabei perdendo minha essência, não me reconhecia na pessoa que estava me tornando. Sobre isso, Adriana Gonçalves observa que:

Como a criança que corre de sua própria sombra sem nunca afastar-se dela, a distância geográfica ou a do calendário não superam o cenário primário do ser. Surge em cena o retorno à casa, ao ambiente formador, com vistas a costurar este esgarçado tecido do amor nas subjetividades, o retorno (desejo inatingível, mas nunca abandonado) ao tempo e ao lugar onde se vivia dentro da memória em sua forma plena, indivíduo indiferenciado e inconsciente de sua herança, memória-vida feita de passividade e esquecimento, eterno presente. (GONÇALVES, p. 14. 2014)

É possível que minha memória funcione como uma criança que foge de sua sombra sem nunca se afastar dela. Mesmo insistindo em ignorá-la, meu subconsciente trabalhou guiando minhas mãos para inserir partes das minhas memórias na realização das imagens que desenvolvi. Passei a notar essas sutis presenças logo que me aproximei do símbolo da casa.

Aqui é preciso deixar claro que sempre reconheci minha família e amigos como casas, pois mesmo nas diferenças, eles me acolhem, permitindo que eu me sinta em casa em suas presenças e só não sabia que o nome para esse estado de abrigo é casa.

São nos instantes do meu presente que avisto portais dentro e fora de casa por meio de objetos e paisagens, como também os avisto por meio das observações e escutas que faço das experiências dos outros. Os portais são como metáforas que dão acesso à memória. Eles são como pontes, me levam a esse tempo passado, permitem que eu lembre de acontecimentos que pensava ter esquecido.

O portal que me transportou para a casa da infância, surgiu do contato com a série fotográfica “The Ballad of Sexual Dependency” da Nan Goldin, que é uma artista e fotógrafa norte-americana, mundialmente conhecida por seus retratos carregados de intimidade e expressão visual autobiográfica, que documenta a si e as pessoas mais próximas a ela.

Seus registros narram histórias, e posso imaginar tais histórias com facilidade, mas também me peguei desejando saber mais, ter apenas as fotos e minha imaginação não foi suficiente. Instigada por querer saber mais sobre as pessoas registradas nas fotos, passei a assistir todos os documentários e entrevistas da artista, disponíveis no Youtube, e logo percebi a proximidade entre as fotografias da artista e as histórias das pessoas registradas em suas fotos.

Depois de ter criado tantos enredos para as fotografias de Goldin, conhecer sua história me causou um verdadeiro arrebatamento pois, de fato, consegui enxergar as histórias nas fotos como se elas por si só conseguissem me contar o percurso de sua criação. Conhecer sua história despertou-me, me fazendo lembrar a minha própria história, e é em virtude desse despertar que surge o interesse em registrar os lugares das minhas memórias de infância.

Pensando sobre as pessoas da minha vida, me veio a casa em mente. Instintivamente quando cheguei em casa, passei pelos cômodos e quintal. Enquanto percorria o espaço, minha memória era ativada revelando as memórias da infância no espaço da casa. Em um segundo momento, ainda entorpecida por essas lembranças, comecei a registrar tanto dentro quanto fora da casa, e foi desse processo que nasceu a série fotográfica de minha autoria intitulada “Casa: dentro e fora”.

Me aproximei de uma extensa série da artista intitulada “The Ballad of Sexual Dependency”, interessando-me por três fotografias que me marcaram tanto pela estética característica das fotos de Goldin quanto por suas histórias profundas e comoventes. Estas fotografias, cada uma a seu modo, falam sobre o amor. A primeira (figura 1) me remete ao apego do que se foi em uma relação romântica, a passagem do amor para o desamor. Na segunda (figura 2) e terceira (figura 3) consigo identificar o amor singular, esse capaz de suportar todo o processo de perda, enquanto se vê a pessoa amada morrendo aos poucos, sem poder intervir.



Figura 1: Nan Goldin (1953). Série The Ballad of Sesual Dependency, Nan and Brian in Bed, 1983. Dimensões: variáveis, w589 x h394 mm. Técnica: Fotografia. New York, MoMA The Museum of Modern Art. Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/nan-and-brian-in-bed-new-york-city-nan-goldin/_AFcI5t4ZWolHQ . Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 2: Nan Goldin (1953). Série The Ballad of Sesual Dependency, Cookie in Tin Pan Alley. 1983. Dimensões: variáveis, 76.2 cm x 101.6 cm. Técnica: Fotografia. New York. Disponível em: <http://www.artnet.com/artists/nan-goldin/cookie-in-tin-pan-alley-new-york-city-a-fQImYOIP8D1UeutFdmwt2w2> . Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 3: Nan Goldin (1953). Série The Ballad of Sesual Dependency, Gilles and Gotscho at home. 1983. Dimensões: variáveis, 76.2 x 114.3 cm. Técnica: Fotografia. Paris. Disponível em: <http://www.artnet.com/artists/nan-goldin/gilles-and-gotscho-at-home-paris-a-jerKVcdTWQIaoCOG2Avo9g2> . Acesso em: 14 mar. 2022.

Trago o amor como mediador entre as fotos de Goldin e as minhas, pois é esse sentimento que percebo em ambos os trabalhos. O amor em minha produção fotográfica está fortemente presente por meio da saudade. Descrevo esse amor da seguinte forma: uma sensação de falta, parecida com angústia de quando nos falta o ar, aliada à nostalgia do que foi vivido, é angústia misturada com euforia.

Apresento a seguir, a série “Casa: dentro e fora” que foi desenvolvida por mim em 2019. Ela é fruto da investigação dos lugares que marcaram minha infância. Nela, procurei registrar as paisagens que me inquietaram. Olhei para o lado de fora da casa, para o quintal, e para o lado de dentro, através das marcas que minha família e eu deixamos na casa com o passar do tempo. Esta série fotográfica é composta por nove fotos. Nela o olhar é externo para questões internas.



Figura 4: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Ducha. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

A ducha refresca as tardes quentes e secas, há sons de gargalhadas nesta lembrança.



Figura 5: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Pé de mamão. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

A imagem peculiar e engraçada do pé de mamão, em contraste com o céu, atiçava minha criatividade, imaginava diversas criaturas.



Figura 6: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Varal. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

A simplicidade do cotidiano que sobre a luz certa, torna-se esplêndido.

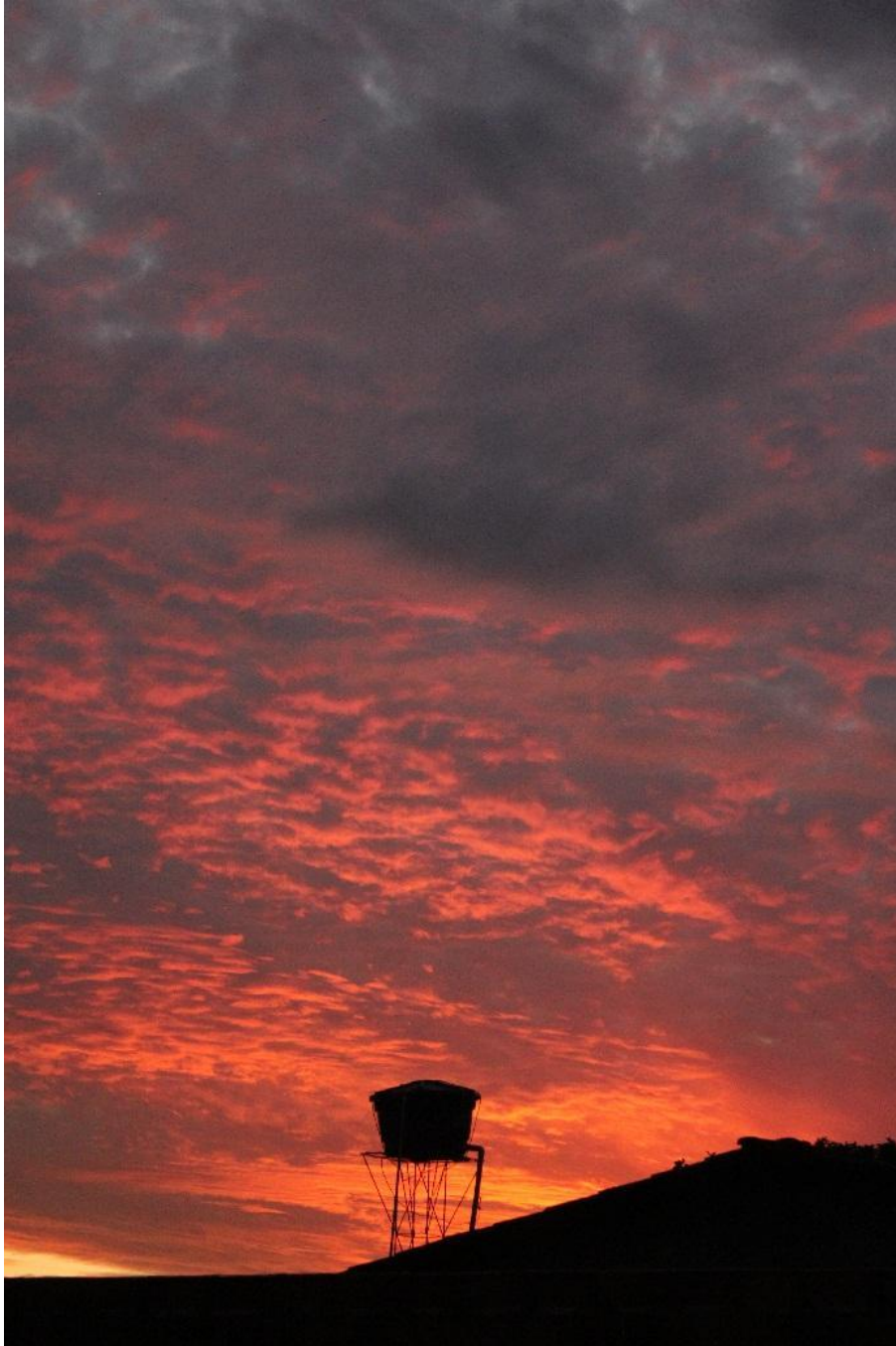


Figura 7: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Céu de fogo. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

Todos os possíveis céus imagináveis e inimagináveis que avistei durante uma vida nessa casa. Vista para o céu do portão de casa para o outro lado da rua.



Figura 8: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Horizonte. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.



Figura 9: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Marcas I. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

A velha cômoda, marcada e disputada na infância. Disputa de quem poderia usufruir as gavetas superiores.

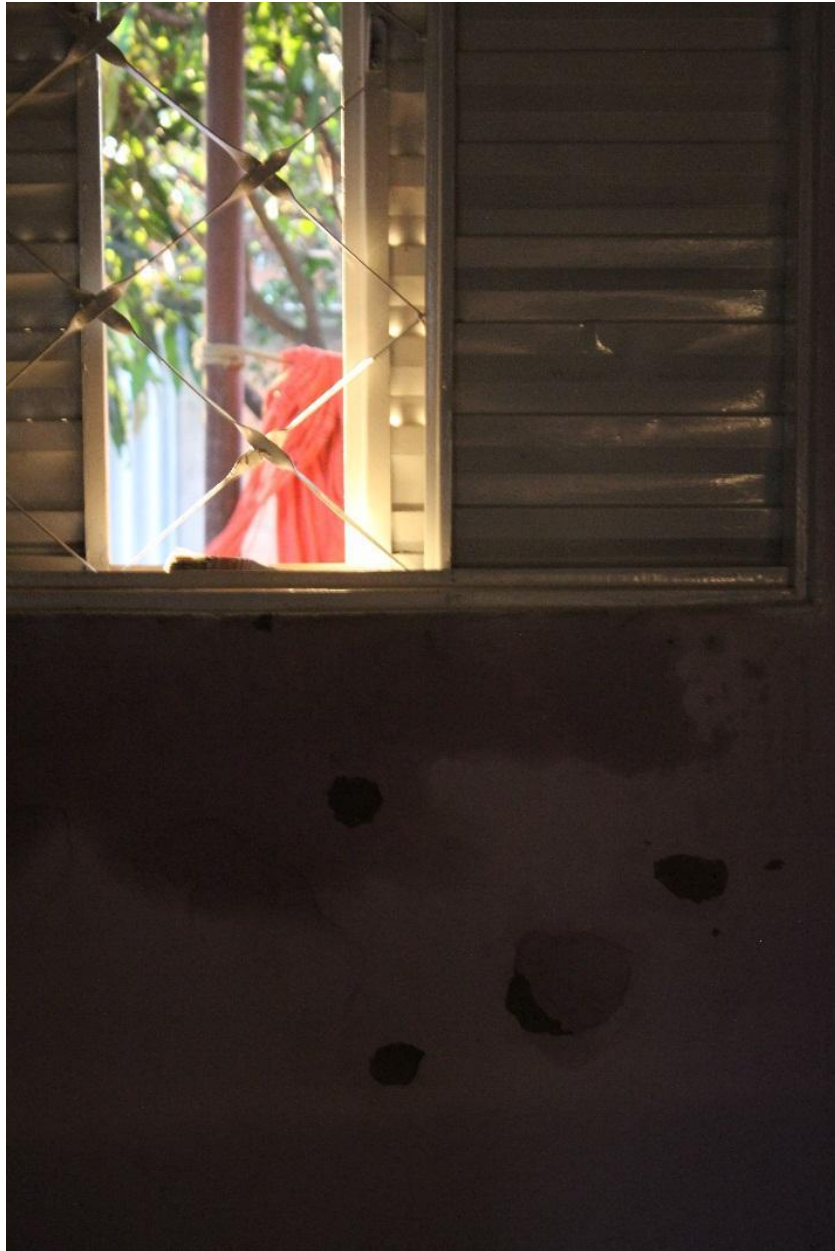


Figura 10: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Marcas II. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.



Figura 11: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Cama dos meus pais. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

Cama que brinquei, pulei, deitei, dormi e chorei.

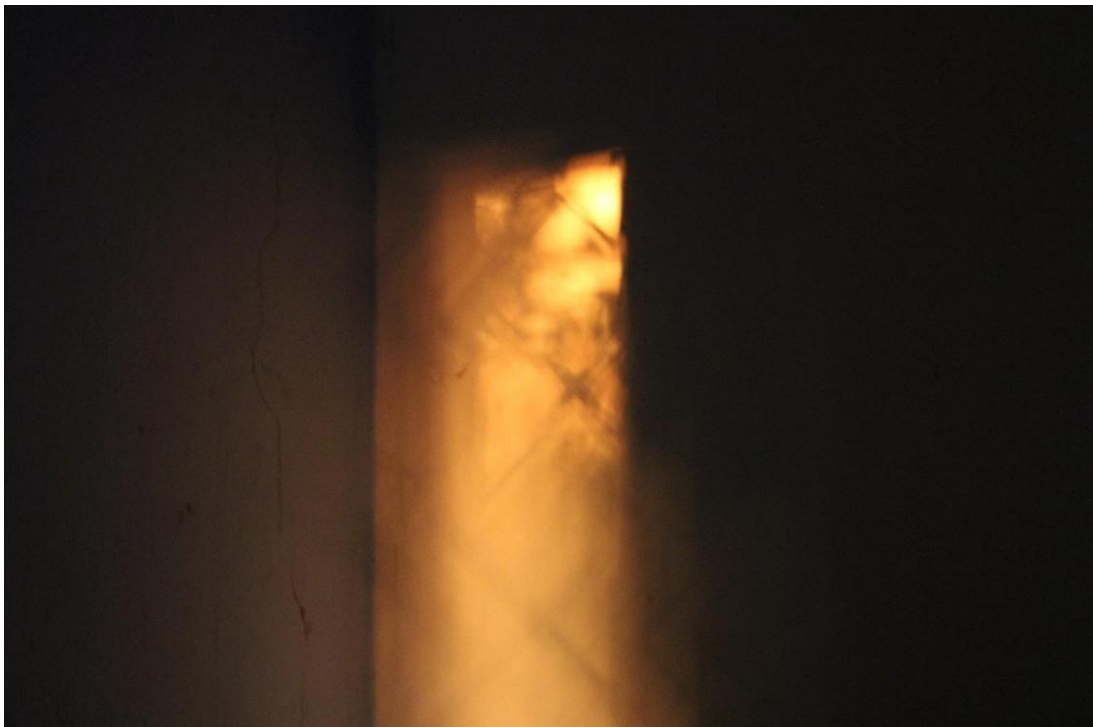


Figura 12: Verônica Fernandes. Série Casa dentro e fora, Pôr do sol. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

As entradas de luz natural e suas sombras que preenchem quaisquer vazios.

Na série, busco recordar as casas da minha infância, mas também fazer alusão a quem fui em minha ‘casa corpo’ quando criança. Quem era eu dentro e fora dessas casas e como imaginava o interior e exterior da casa durante as brincadeiras. A poética flui de fora para dentro, como o ato de recordar: são pessoas, objetos e lugares os ativadores das minhas memórias. Luciane Bucksdricker diz sobre os artifícios que criamos como auxiliares para reter memórias:

Todos nós nos utilizamos de artifícios para alicerçar as lembranças da nossa linha de tempo. Isto é, nos ajudamos com fatos, pessoas ou locais para auxiliar a reter o fugidio tempo que escorrega por nossas mãos, nos impedindo de gravar com clareza quando aconteceram certas memórias. (BUCKSDRICKER, p. 29, 2021)

Pensando sobre os amores familiares, voltei à casa em que vivo e no ato de explorar esse espaço, recordei da casa da infância, ao adentrar pude visitá-la mentalmente nos fragmentos de memórias que surgiam enquanto observava os lugares das minhas memórias deste tempo, a infância.

Falo da casa da infância no plural, porque foram duas casas, a que eu vivo até os dias atuais e recordo também da antiga casa da minha avó paterna, minha querida avó Tácita. Nessa segunda casa, vivi com muita presença durante um ano, logo em seguida minha avó se mudou para outra cidade.

Lembrar das casas da infância é recordar. Foram tantas as tardes que lá brinquei no chão de terra do quintal. Brincava de fazer bolos de terra e os decoravam com flores, sentava no chão ao lado do enorme pé de limão que tínhamos no quintal; como era fantástico o universo do quintal, observar as colônias de formigas, as borboletas e joaninhas no jardim, durante essas observações sentia que entrava em outro mundo. Não tive muitos amigos e costumava brincar só a maior parte do tempo. Um dia, dei o nome de Bob ao pé de manga que crescia em meu quintal. Me sentia conectada a ele, e por esse motivo conversava com ele, ele claramente era um excelente ouvinte. Veio daí minha mania de falar sozinha.

Amava ver o pôr do sol, mas era a visão das estrelas e lua que mais faziam-me companhia. Vagava no quintal enquanto observava o céu, durante o percurso sentava onde melhor pudesse ver o céu estrelado e lá ficava por muito tempo. O vento fresco tornava o ambiente perfeito e a lua era a minha mais fiel confidente.

Lembro, com carinho, de quando tinha uns sete anos e acordava muito cedo, para assistir desenho animado na televisão, todos de casa ainda dormiam e não podia fazer muito barulho. Gostava de experimentar várias posições enquanto assistia, a mais engraçada era de ponta cabeça, deitada no sofá com os pés na parede e olhos fixos no desenho. Com toda certeza é uma experiência interessante observar o mundo de ponta cabeça.

Quando penso na casa da infância, uma das primeiras pessoas que me vem à mente é Vó Tácita, minha avó paterna. Vó Tácita, dona de um sorriso contagiante. Mulher forte, decidida e sem pudor na escolha das palavras que saem de sua boca. Cheia de carisma, ela sabe socializar e ama ‘prosear’. Sempre que me vê conta suas histórias, muitas vezes repetidas, entre essas histórias a que ela mais repete é a dos dias após meu nascimento. Sua fala entrega preocupação por eu ter nascido prematura e alegria por eu estar com saúde e ressoa o cuidado que ela teve comigo nesses primeiros meses de vida. Vó Tácita é minha primeira referência de acolhimento e abrigo, dentro das primeiras memórias que tenho da infância.

A artista Helena Alibio, em sua monografia, nos conta um pouco sobre a sua relação com sua avó, e da sua dificuldade em interpretar o que poderia se passar na mente dela:

O Tempo já não lhe fazia perguntas, só ressoava seus minutos como normalmente. Silêncio! Ela dizia! Mas ele sempre passava correndo com os ponteiros ordenados. Talvez os dois conversassem sobre velhas lembranças, mas de fato nunca saberei ao certo o que passava em sua mente. (ALIBIO, p.19, 2017)

Mesmo que minha avó tenha me contado algumas de suas histórias repetidamente, sinto que não a conheço bem. Assim como Helena, também não consigo decifrar o que se passa na mente da minha avó quando olho em seus olhos. Essa falta de informação é incômoda. E se torna ainda mais incômoda quando percebo que a tenho como uma referência marcante, mas que por descuido de minha parte e pelos anos de distância geográfica que nos afastaram, deixei criar uma barreira entre nós.

Só a conheço por meio das poucas memórias que tenho dela, e do ponto de vista da criança que fui, já que nos anos seguintes, após ter se mudado de cidade, minhas visitas à sua nova morada se tornaram cada vez mais demoradas. São essas memórias que constituem a imagem que preservo dela e ainda assim, é uma imagem disforme, que sugere algo dessa vivência, mas que na realidade, se eu fizer o exercício de recordar junto dela, provavelmente surgirão outras imagens totalmente diferentes das minhas.

Mesmo percebendo que falta algo, encontro em minha avó e na sua antiga casa, um abrigo. Com a leitura dos escritos de Helena Alibio expando o conceito de casa, através do seguinte pensamento:

Instintivamente, buscamos um lugar que nos proporcione o bem estar e o acolhimento; algo que substitua o aspecto formal e físico da casa e libere o sentido mais essencial de seu significado. Sentir-se em casa é um estado raro, pois isso só ocorre quando somos acolhidos nos espaços que frequentamos. (ALIBIO, p. 25, 2017)

Alibio, em sua monografia, nos fala sobre o sentir-se em casa, ao contar algumas de suas memórias. Nelas, recorda que na infância, sua mãe a deixava aos cuidados de sua avó, mas logo que a mãe partia, ela entrava em prantos. Nestes momentos, para acalmá-la, a solução encontrada por sua avó foi acender palitos de fósforo, um após o outro, até cessar o choro da neta.

Essa passagem, que faz referência a algo da memória de Helena, está presente, de forma subjetiva, no trabalho intitulado “Contém afetos”. Neste trabalho, Helena nos fala sobre sua ideia de casa com base em seus afetos. Nos objetos criados pela artista, não vemos uma casa fisicamente habitável, mas sim um ideal de casa, que se constrói por meio da ficção e torna-se morada através da imaginação. Nesse caso, o sentir-se em casa está no contato com o objeto, o que remete à memória de casa.



Figura 13: Helena Alibio. Contém afetos. 2017. Dimensões: variáveis - 10 cm x 4 cm x 1,5 cm. Técnica: mista. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172616/001060304.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 14 mar. 2022.

É dessa maneira que faço possível a minha entrada nas casas da minha infância: Helena Alibio o faz por meio da caixa de fósforos, eu o faço por meio dos lugares. Hoje só me é

permitido adentrar essas casas por meio das memórias que tenho delas e principalmente através da imaginação, que por sua vez abrange também a ficção.

A seguir, apresento fotografias de duas casas (figuras 14 e 15), sendo que a primeira mostra a fachada da antiga casa da minha avó e a segunda um recorte da sua casa atual.⁴



Figura 14: Verônica Fernandes, Sem título, 2019, Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

Antiga casa da minha avó paterna já modificada

⁴ Essas duas fotos não fazem parte da série ‘Casa: dentro e fora’, são um bônus. As apresento porque fazem parte da minha infância e acredito que seja importante mostrá-las nesse capítulo já que as menciono.



Figura 15: Verônica Fernandes. Sem título. 2019. Dimensões: variáveis. Técnica: Fotografia digital. Acervo da artista.

Detalhe da casa atual da minha avó (chácara)

Sempre passo pela rua e por sua casa antiga, mas nunca mais entrei lá. Depois que minha avó se mudou, a casa foi vendida e alterada. Recordo-me que antes não tinha o muro nem portões na casa. Tenho lembranças de que para entrar na casa havia uma porta bem no centro, talvez duas janelas uma à esquerda e outra à direita, e é a partir desse ponto que a ficção toma conta da minha imaginação, pois a memória não é clara, só tenho alguns poucos fragmentos de memória desse ambiente.

Toda vez que passo em frente à casa antiga da minha avó, acabo lembrando-me também da sua casa atual, das férias e de momentos que vivi por lá. Me encho de saudade ao lembrar principalmente das brincadeiras em frente à sua casa. Ainda pequena, andava no chão de terra, buscava água no poço, corria atrás das galinhas, brincava sobre as enormes raízes dos pés de manga. Olhava, maravilhada, o céu aberto que me permitia ver a imensidão das estrelas e sempre jogávamos baralho à luz de velas.

É satisfatório perceber que mesmo tendo vivido por pouco tempo nessas duas casas e em momentos específicos da minha infância e, tendo restado poucas lembranças, elas ainda

estão em mim. É como se eu ainda as habitasse e elas habitassem em mim. Certamente são os afetos que guardei: os abraços sentidos, os risos, as brincadeiras, as histórias contadas à luz de velas, enfim, o amor!

2. SOU MEU LAR: PEQUENAS CASAS

Neste capítulo tratarei de narrativas ficcionais que se ligam aos processos de criação de desenhos e às memórias pessoais, através de um olhar mais atento para particularidades e conflitos pessoais, que é, a meu ver, de onde surgem os desenhos intitulados “Pequenas casas”, que acabam sendo consequência de um turbilhão emocional, bem como motivação para a ocorrência da série desenvolvida.

Começarei imaginando a planta arquitetônica de uma casa e suas divisões com vários cômodos. Na casa cada espaço é único, mas cada um dos cômodos tem em si um pouco do ser que o habita, sendo que alguns mais que outros. Cada cômodo é necessário e, juntos, configuram o espaço da casa. É imprescindível dizer que a estrutura dita é uma metáfora de como idealizo o meu espaço mental, parto da ideia de casa arquitetônica para pensar a casa simbólica.

Como em qualquer outra casa, há os espaços mais habitados e os espaços menos visitados. Os espaços mais habitados são melhor compreendidos por serem vividos com frequência, são espaços da minha mente que racionalizo, vivo e revisito as informações com constância, somos íntimos. E os espaços pouco visitados os percebemos com menor detalhe, não noto mudanças e não os compreendo com clareza, pois estes se ocultam no subconsciente. Para Bachelard (1978, p. 196), o espaço da imaginação deve ser vivido “não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”.

Penso a casa em sua forma simbólica, nesse espaço imaginativo, onde cada cômodo é uma parte de mim e a casa total sou eu. Comecei a perceber isso nos desenhos intitulados “Pequenas casas” e com as leituras de “Poéticas do espaço” de Bachelard, na medida em que tomava consciência de que os desenhos falam sobre mim e que eu estava me representando, simbolicamente, como casa. Assim, cada um dos cômodos dessa casa maior que sou eu, podem ser vistos como pequenas casas habitadas por minhas versões.

Nesta casa, algumas dessas versões são vivenciadas com mais frequência e as conheço com maior riqueza de informação. Mas é difícil conhecer as minhas versões que se encontram nos cômodos remotos da minha consciência. Há uma neblina que impede de enxergar com nitidez. Posso não vivê-las no dia-a-dia, mas ainda são uma parte de mim e fazem morada no âmago de minha casa-alma.

Pensar a casa enquanto estudo do terreno de nosso ser íntimo é compreender a nossa alma como lugar habitado. Ainda Gaston Bachelard (1978, p. 196) dirá o seguinte sobre a casa:

“Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo”. A fim de compreender a relação entre casa e alma enquanto espaço possível de morada em nós mesmos, Bachelard nos apresenta a comparação de Carl Jung e complementa:

Para dar uma ideia da complexidade da tarefa do psicólogo que estuda a alma humana em suas profundezas, C. G. Jung pede a seu leitor que considere esta comparação: "Temos que descobrir uma construção e explicá-la: seu andar superior foi construído no século XIX, o térreo data do século XVI e o exame mais minucioso da construção mostra que ela foi feita sobre uma torre do século II. No porão, descobriram fundações romanas e, debaixo do porão, acha-se uma caverna em cujo solo se descobrem ferramentas de sílex, na camada superior, e restos da fauna glaciária nas camadas mais profundas. Tal seria mais ou menos a estrutura de nossa alma". Naturalmente, Jung não desconhece o caráter insuficiente desta comparação (cf. pág. 87). Mas, pelo fato dela se desenvolver tão facilmente, há um sentido em tomar a casa como um instrumento de análise para a alma humana. Ajudados por esse "instrumento", não reencontraremos em nós mesmos, sonhando em nossa simples casa, os confortos da caverna? Foi a torre de nossa alma arrasada para sempre? Somos nós, seguindo o hemistíquio famoso, seres "com a torre abolida" para todo o sempre? Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí "alojados". Nosso inconsciente está "alojado". Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das "casas", dos "aposentos", aprendemos a "morar" em nós mesmos. (BACHELARD, pág. 196-197, 1978)

Assim como a casa é construída sobre alicerces e mantida em pé por sua estrutura, nossa alma possui várias camadas que consolidam sua estrutura. Com essa comparação torna-se possível imaginar e compreender nossa alma enquanto casa, e imaginar nossa consciência como moradora desta casa repleta de emoções, sentimentos e memórias.

A série de desenhos “Pequenas casas” contém 19 desenhos que fazem parte de um caderno de artista, tamanho A4⁵. Entre os materiais utilizados para realização dos desenhos estão: grafite, caneta esferográfica, caneta em gel, nanquim, aquarela, guache, papéis coloridos, papel vegetal, flor seca e fita preta.

O meu processo de criação é intuitivo, não tenho o hábito de planejar e deixo-me guiar principalmente por minhas emoções. Meu desenho possui características lúdicas e surrealistas, não me interessa em criar desenhos que se assemelhem com a realidade como ela é, gosto de brincar com o real e o imaginário.

Em meus desenhos exponho tudo que sinto, minhas inquietações, medos, dores, angústia, alegrias, desejos. Sou um ‘turbilhão emocional’ que geralmente oscila mais entre tristeza e ira. Tem dias que a montanha russa possui quedas mais longas, recheadas de zig-zag: triste, feliz, estressada, angustiada, cansada demais para fazer qualquer coisa. São tantas

⁵ O caderno foi desenvolvido na disciplina “Tópicos em artes: Desenho nas práticas artísticas contemporâneas” do curso Artes Visuais Bacharelado, ministrada, em 2021, pelo professor Dr. Glaysen Arcanjo de Sampaio.

emoções que me encontrei sem energia e essa turbulência tornou-se ainda mais instável por conta da pandemia, nunca soube lidar bem com mudanças bruscas.

Em meio a essa turbulência caminho vagorosamente buscando entender as causas e os efeitos dessas emoções. Assim vou conhecendo-me pouco a pouco, dia após dia compreendo quem sou e quem fui. Aprendo a fazer morada em mim. Para ilustrar como estes sentimentos se manifestam em mim, trago a música “Furta-cor”, da Banda brasileira Scalene:

Diz pra mim, onde e como ir / O meu lugar aqui, e como estou / Eu não sei mais o que sou e quem / Eu vislumbrava ser ou igualar / Eu me sinto tão mal / Tudo que padecer / Eu me sinto tão caos / Tudo que eu tento ser / Furta-cor / A luz revolve, ela me engole / Furta-cor / A luz revolve, ela me engole / Paira em mim, toda crueza do fim / A incerteza de seguir ou não / Dói saber algo que mais ninguém / Parece entender sobre você / Eu me sinto tão mal (mal) / Tudo que padecer / Eu me sinto tão caos (caos) / Tudo / que eu tento ser / Furta-cor / A luz revolve, ela me engole / Furta-cor / A luz revolve, ela me engole / Furta-cor (miragem sou) / A luz revolve, ela me engole (de mim restou areia no mar) / Furta-cor (miragem sou) / A luz revolve, ela me engole (de mim restou areia no mar). (Scalene, 2019)

As emoções que são apresentadas nesta música, dialogam com o meu desenho “A queda”. O desenho, feito em caderno de artista, no tamanho A4 e o material utilizado foi lápis grafite 6b. Nele falo sobre o salto no abismo, de nadar em águas profundas e pouco iluminadas.

Ao partir em busca do conhecimento de si, o caminho, a priori, é pouco iluminado. Ainda não sabemos o que procuramos, nem onde estamos de fato. É o misto de medo do desconhecido com a euforia da surpresa.

Quando eu era criança, lembro que minha mãe escondia ovos de páscoa em casa, reservando-os para o grande dia. Mas como uma criança curiosa e bisbilhoteira que fui, acabava por descobrir a surpresa, e não podia contar a ninguém o que foi descoberto. Não era tarefa fácil ocultar essa descoberta do meu irmão, porque eu era um tanto falante. Bem, é exatamente dessa euforia que falo.

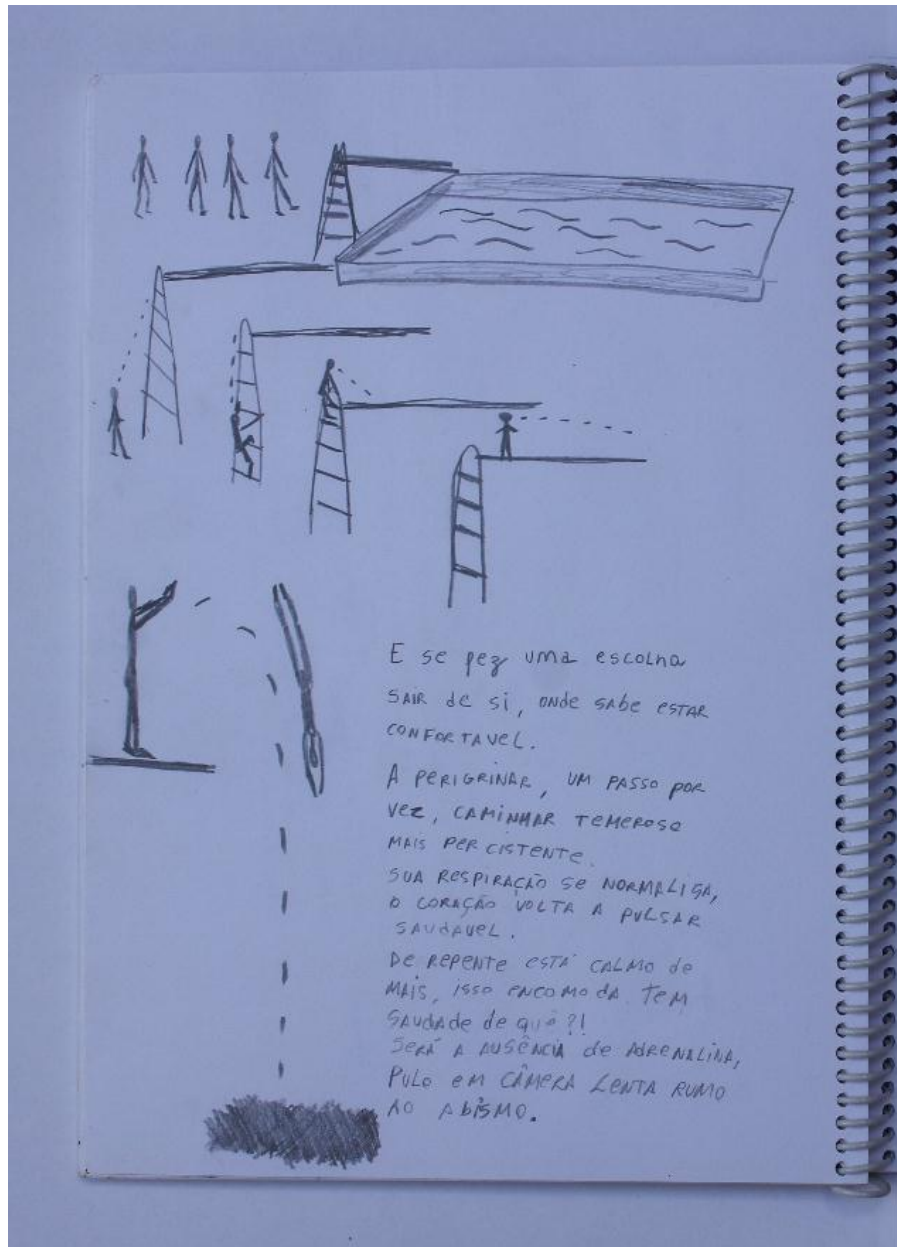


Figura 16: Verônica Fernandes. Série Pequenas casas, A queda. 2021. Dimensões: 30,5x20,5 cm. Técnica: grafite sobre papel [Página do caderno de artista]. Acervo da artista.

No ato de fazer morada em mim mesma, me isolo na intenção de processar as descobertas e, só depois de um tempo de parada é que irei desenhar com base no que foi percebido durante a reflexão. Enquanto desenho, o sentimento se mantém tão intenso quanto em seu desabrochar, e isso acontece porque no ato de desenhar minha memória é ativada, trazendo minhas emoções à tona e conseqüentemente as sensações presentes na memória.

Não detenho total controle de minhas emoções, que são intensas. Acredito que seja esse o motivo de eu usar o simbolismo em meus desenhos. O uso por não saber ao certo que sentimento é esse que sinto.

Há momentos em que é difícil saber distinguir e identificar, então uso símbolos e palavras que me remetem emoção sentida. Todos os símbolos criados em minha imaginação, representam uma parte minha, ligados a minha memória e sentimento, podem ter relação direta com o presente e com o passado no mesmo instante. O extraordinário é saber que quem observa tais imagens criadas por mim, não tem ideia do universo ao qual fazem parte.

“Vincent” é um curta-metragem de 1982, dirigido por Tim Burton, que narra a história de um garoto que gosta de assistir filmes de terror e de ler Edgar Allan Poe. No curta, podemos observar o garoto Vincent Malloy, em meio a sua mente um tanto fértil. Ele começa a se perder, mistura a realidade com a imaginação, se confunde e compara-se ao seu amado ator. Não é mais Vincent Malloy, se vê como Vincent Price.

Imerso nas confusões e horrores que rodeiam sua mente, agora já não sabe mais separar o que é psíquico e o que é físico. Perdeu-se no mundo imaginado, onde tinha poder para agir e pensar sem pudor, deixou-se guiar pela loucura.

Absorvido por seu devaneio, imaginou-se morrendo, preso no tormento sussurrou um trecho do poema “O corvo” de Edgar Allan Poe (1845): “E a minha alma sai da sombra que está caída e flutua no chão, Nunca mais se erguerá!” tradução de Cleber Oliveira.



Figura 17: Tim Burton. Vincent. 1982, Duração: 5:54 min. Técnica: Curta Animação em stop motion. EUA. Disponível em: <https://youtu.be/8LNzJKHR3yM> . Acesso em: 10 nov. 2021.

Tal como Vincent Malloy também me perco.

Perco-me nos saltos temporais de volta ao passado. Minha mente borbulha soluções, questionamentos e observações acerca de algo que já se passou. Deixo-me levar por sentimentos passados que refletem no meu presente e noto que entre os sentimentos que se mantiveram, o medo da perda é um deles, medo de me perder e de perder os que amo.

Não posso me perder como o Vincent. Tenho que saber separar quem sou e o que fui.

Passo agora, pensando nessa divisão temporal, para a obra “As duas Fridas” de 1939. Na pintura da artista mexicana Frida Kahlo, podemos ver sua dualidade, um dilema existencial.

Kahlo se pinta mostrando que não é uma só, mas duas mulheres fortes, uma ligada às suas origens e outra ligada às novas experiências vividas em outro país. Ambas se conectam através do coração e sentem a mesma dor, dor da perda em ver seu amante romper o casamento. Mesmo com uma profunda angústia emocional e dores físicas intensas, Frida se pinta com olhar sereno. Isso me faz acreditar que ela sabia lidar muito bem com suas dores.



Figura 18: Frida Kahlo. As duas Fridas. 1939. Dimensões: 1,74 x 1,73 m. Técnica: tinta a óleo sobre lona. Cidade do México - MEX. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/as-duas-fridas-frida-kahlo/zAHG4EZ1WrwVYg> . Acesso em: 10 nov. 2021

Tal como Frida, também me vejo múltipla, sou plural, minhas dores me modificam e a cada experiência vivida uma nova de mim surge. De mãos dadas, uma não solta a mão da outra que ficou atrás.

Há um desenho que explorei esse dilema da personalidade múltipla, o chamo de “Dualidades” (2018). Nele me representei em duas personagens, cada uma retratada em uma posição de balé e o meio que encontrei para uni-las foi a sobreposição, dois lados de um único ser. A que está na frente usa uma máscara, sua postura impecável. A que está logo atrás possui uma postura leve, como se brincasse negando a perfeição que o ballet exige.



Figura 19: Verônica Fernandes. Dualidades. 2018. Dimensões: 21 x 14,8 cm. Técnica: sobreposição com papel vegetal, grafite, caneta esferográfica preta e lápis de cor. Acervo da artista.

Represento-me nestes desenhos com olhares vazios, inexpressivos e misteriosos, o que é contraditório, já que entendo meu olhar com muita potência e repleto de expressão. Essa característica dá a entender que não quero que seja visível em meus olhos o que se passa em meu interior, mas por que não o quero?

É curioso pensar a importância do olhar em um autorretrato. Frida sempre se representou com um olhar potente, às vezes tranquilo, mas sempre confiável. Eu, no entanto, costumo ocultar o olhar expressivo nos personagens que me representam.

Pensando um pouco mais a respeito, acredito ter encontrado a resposta de minha pergunta. Meus personagens são uma personificação, não precisamente fiel a mim, portanto podem ser qualquer um, e seus olhos inexpressivos permitem que todos possam se ver com a emoção sentida ao absorver o desenho, seja ela qual for.

Em meus devaneios imagino-me percorrendo longos caminhos em busca de mim. Saio sem muita certeza, se encontraria o destino almejado. O caminho é longo e as pausas são necessárias. A cada parada, uma oportunidade de reflexão ôntica, e sem perceber, já conheço-me, no entanto o caminhar continua, pois sei quem sou hoje, mas amanhã não sei mais. Um novo dia, com novas oportunidades de viver e me conhecer mais uma vez.



Figura 20: Verônica Fernandes. Série Pequenas casas, Sem título. 2021. Dimensões: 15 x 10,5 cm cada. Técnica: Aquarela, guache, caneta, nanquim, grafite, flor seca e fita isolante preta sobre papel [Caderno de artista]. Acervo da artista.

A opção por fazer morada em mim mesma, aconteceu tão naturalmente quanto o ato de tocar o papel em branco com lápis em mão, faz surgir o desenho pelo impulso do meu interior. Quando me dei conta, já me habitava. Em momentos de distração, lá estava, no mundo imaginado da minha, casa-corpo. O percorria, explorando, ansiosa por me conhecer, adentrava os cômodos, minhas pequenas casas, lá conversava com minhas versões anteriores, e revivia nossas memórias. Aprendi a habitar meus pensamentos e sentimentos com o olhar da razão. Me conheço como lar.

3. UMA PARTE DE MIM

Neste capítulo, parto da ideia de casa-prisão para me referir à experiência vivida em casa, durante a pandemia do coronavírus, em 2021 e 2022. Neste período, pude notar que estar presa em casa resultou em outras formas de enclausuramento, seja através das lembranças, dos medos ou das angústias.

Acredito que se as pessoas compreendessem o impacto que possuem nas vidas umas das outras, teriam mais cuidado com suas palavras e ações. Mas as pessoas que são uma parte de mim, talvez nem saibam como me marcaram e o quanto me mudaram. Mesmo não sabendo disso, o importante é que todas tem um pouco de responsabilidade pela pessoa que venho me tornando. Por mais que inúmeras dificuldades possam surgir no percurso de uma vida, essas pessoas me ensinaram a não me culpar, a me perdoar e perdoar as demais. Ensinaram-me também a importância de viver um dia por vez e a entender que as tempestades sempre encontram o seu fim; acalma-se.

Durante os meses de isolamento, nesta pandemia, havia uma frase que se repetia em meu consciente: a vida passa muito rápido. E como ela tem passado ligeira! E, nessa altura da minha jovem vida, já pude confirmar a veracidade dessa frase, pois os dias parecem mais curtos à medida que passam e a memória parece se tornar ainda mais efêmera. De repente mais um ano se foi e mais pessoas partiram.

Viver a experiência da pandemia e do isolamento, me fez notar que todas as minhas emoções se tornaram ainda mais intensas do que já eram. Percebo que tenho mais pressa e menos paciência, ou seja, quero tudo para hoje. É o medo de não saber como estaremos amanhã. Pensar no futuro em meio a essa desordem pode até ser angustiante em alguns dias, mas em meio a tantas emoções e pressa, não vejo como o mais importante. Nestes tempos, já está sendo complicado o bastante encarar um dia por vez.

Tendo que lidar com minha ansiedade e depressão, a pressa não facilita a vivência, ao contrário, só intensifica problemas. Não é fácil ter uma visão otimista diante de tudo que estamos vivendo. Porém toda essa intensidade também me proporciona reflexões e percepções interessantes sobre o modo que tenho vivido.

Um exemplo disso é a percepção que tenho da vida em casa, junto com as pessoas da minha convivência e o entorno do ambiente familiar. Durante os meses de pandemia, o viver não foi tão belo quanto o ideal criado antes desse caos que veio a se instalar em nossas vidas. Em muitas ocasiões a convivência familiar tornara-se quase que insuportável, e repleta de

contradições nos sentimentos, experiências no circuito familiar e que englobam o lar. Há dias em que os vejo com ira, ansiosa por espaço e silêncio, e em outros, quando me vejo só, sinto falta deles, a ponto de me sentir abandonada.

Como consequência destas vivências, percebo como os desenhos e escritos que produzo no caderno de artista, seguem um caminho melancólico e pessimista.



Figura 21: Verônica Fernandes. Sem título. 2021. Acervo da artista. Dimensões: 21 x 29,5 cm. Técnica: desenho sobre papel, com caneta esferográfica preta [Caderno de artista]. Acervo da artista.



Figura 22: Verônica Fernandes. Sem título. 2021. Dimensões: 21 x 29,5 cm. Técnica: desenho sobre papel, com caneta esferográfica preta [Página do caderno de artista]. Acervo da artista.

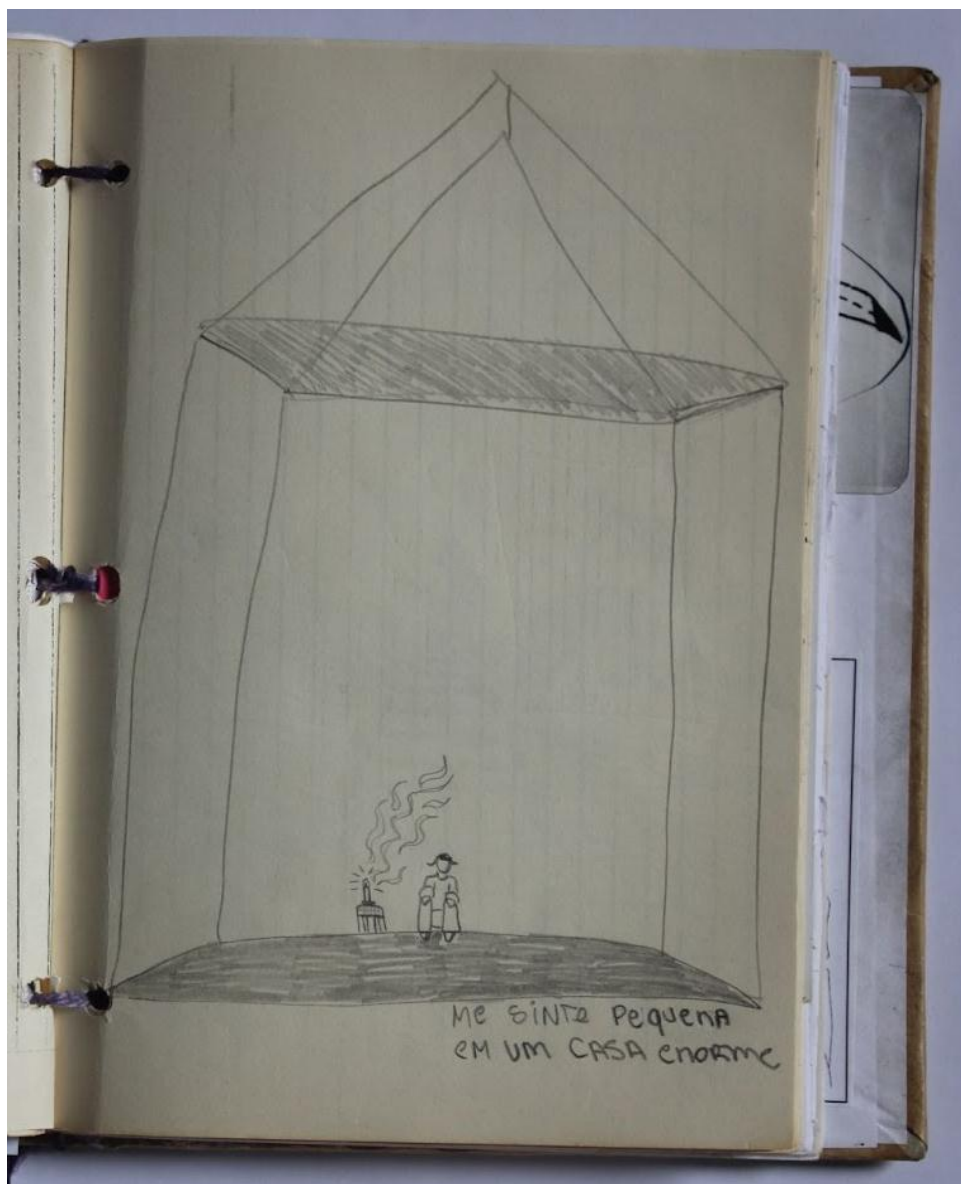


Figura 23: Verônica Fernandes. Sem título. 2022. Dimensões: 21 x 29,5 cm. Técnica: desenho sobre papel, com grafite [Página do caderno de artista]. Acervo da artista.

Mas é preciso dizer que moro em uma casa pequena e convivo com muitas pessoas. Na casa onde vivo, percebo que temos o hábito de fazer tudo ao mesmo tempo. Viver, diariamente, nesse pequeno ambiente, requer paciência e tolerância, pois é comum que os espaços de intimidade sejam adentrados sem o consentimento das pessoas que vivem neles.

Em casa, o silêncio só reina nas madrugadas ou quando estou só. Posso afirmar, com toda certeza, que tudo é bem mais simples do que se passa na minha mente, o desafio está na convivência constante e diária, que não dá margem para experimentar momentos de solitude. E eu preciso desse distanciamento e pausa para recarregar minhas energias.

Na intenção de falar desse espaço como o lugar que nos possibilita sermos quem somos, e falar do silêncio, como parte desse espaço e como ele ressoa em nosso ser, apresento a seguir, o curta-metragem “The House of Small Cubes”, de Kunio Kato.

A história contada por Kato, narra a vida de um senhor de idade avançada, preso na solidão de sua própria casa. No curta, acompanhamos o libertar do personagem da monotonia vivenciada com o passar dos dias, sendo que esta libertação se dá através de um mergulho nas recordações de quem ele foi em tempos passados. No curta, seu morador, ao perceber que sua casa começa a ser invadida pelo mar, é forçado a levantar a laje da casa, iniciando a construção de um novo andar superior, que será sua nova morada. A casa, construída logo acima da anterior, reflete a condição de inundação permanentemente à medida que a maré avança, aumenta e se ergue inundando novamente suas moradas. Ao fim deste processo de construção, em repouso para o seu tão esperado descanso, ele levanta o braço na tentativa de alcançar seu cachimbo, mas por um breve descuido ou destino, o deixa cair pela abertura do porão, que estava com a porta aberta. Mais tarde, no mesmo dia, um vendedor local está à sua porta, expondo sua mercadoria, o senhor analisa cuidadosamente os cachimbos à venda, mas nenhum o agrada. O corte da cena ocorre quando, num momento inesperado, ele eleva o seu olhar e vê à sua frente, um roupão de mergulho com oxigênio acoplado. O senhor não pensa duas vezes em comprar tal equipamento. Negócio feito, roupa comprada, este é o item que ele precisava para sair da monotonia e mergulhar em suas próprias memórias. O personagem se lança às águas profundas de sua história sem nem perceber. Quando enfim alcança o cachimbo com suas mãos, nota que está em uma das suas antigas casas. Ao lembrar da sua vivência naquele local, parte ao encontro das anteriores, desce uma casa após a outra, até a base, onde tudo começou. Ele vive, naquele instante, uma experiência inesquecível. Ao recordar sua vida, aprendeu a não esquecer.



Figura 24: Kunio Katō. The House of Small Cubes. 2008. Duração: 12:06 min. Técnica: Curta Animação. Japão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j0YSFvPTm2A> . Acesso em: 10 nov. 2021.

O despertar do personagem de sua rotina monótona e solitária, provocou-me. Durante estes anos de pandemia, com a necessidade de permanecer em casa, eu me habituei à monotonia, me acostumei a viver refém dela, mesmo sentindo falta das atividades estimulantes e do contato humano. Mas nem sempre foi assim. A rotina não é algo que eu aprecie, gosto de variedade, inovação, sou aventureira, entretanto reconheço a importância de uma rotina estável. Acredito que a falta de rotina ou melhor, a falta da rotina que vivia antes da chegada da Covid-19, junto ao medo de perder as pessoas que amo, foram o que mais me afetaram nessa circunstância. Nunca houve tempo sobrando na agenda, até chegar os tempos atuais onde o isolamento e a pausa se fizeram necessários. A rotina em casa antes da pandemia costumava ser de pernoite. Chegava tarde, dormia tarde e no dia seguinte acordava bem cedo. O ciclo se mantinha, alternando apenas aos sábados, quando podia acordar mais tarde e a manhã era destinada à limpeza da casa.

Luciane Bucksdricker, no trecho abaixo retirado de sua tese de doutorado, relata sua experiência no começo da pandemia, vivendo toda a tensão da pesquisa em doutorado, aliado ao peso do isolamento social devido ao coronavírus e ainda a angústia de ser estrangeira durante a residência artística em meio a esse caos.

Como uma fenda no espaço-tempo, acordamos de repente em outra vida. E quando voltamos para casa, após parecer viver anos em tão poucos e intensos meses, é como se o tempo, na terra natal, estivesse congelado e nada tivesse sofrido mudanças. Afinal, só alguns meses se passaram. (BUCKSDRICKER, pág. 207, 2021)

Me vejo em seu relato, mas com outra perspectiva, pois não sai de casa, então não houve essa volta. Mas também tive a sensação de que o tempo passou rápido, tão veloz, que esses dois anos intensos vivendo em casa, pareceram voar ao invés de caminhar.

Faço essa volta e recorro de que, no começo da pandemia no Brasil, em março de 2020, acreditava que seria um isolamento de apenas alguns dias, talvez semanas, mas nunca meses ou anos. Pensava-se, de forma geral, que quando tudo se normalizasse nas semanas seguintes, tudo estaria e voltaria a ser como antes. Porém, tudo, absolutamente tudo mudou. Além do pavor, toda minha rotina havia se alterado, já não via mais as multidões. O estranhamento foi grande. Pouco sobrou do que fui. Mas sei que, posso reencontrar os caminhos que me conduzem às minhas casas passadas.

Na casa, agora, estava junto à minha família. Todos nós permanecemos juntos, em isolamento. Estávamos juntos de novo, como na infância, porém já não éramos nem a sombra do que fomos neste tempo. Tudo me parecia muito estranho, me senti como Alice, de “Alice no país das maravilhas” (CARROLL, 2000), quando ela decidiu se jogar na toca do coelho, vivendo em um mundo estranho, porém familiar.

Mas Alice escolheu entrar na toca. Já eu, fui empurrada; jogada nesse mundo estranho contra a minha vontade e sem previsão de volta. Assim como Alice, também fico à espera do momento em que encontrarei o caminho de volta.



Figura 25: Verônica Fernandes. Sem título. 2022. Dimensões: 21 x 29,5 cm. Técnica: desenho sobre papel, com caneta esferográfica preta [Caderno de artista]. Acervo da artista.



Figura 26: Verônica Fernandes. Sem título. 2022. Dimensões: 21 x 29,5 cm. Técnica Utilizada: desenho sobre papel, com lapiseira 05 [Caderno de artista]. Acervo da artista.

A pandemia, em seu início, me amedrontou mais do que me amedronta hoje. Tive medo de perder minha família e ficar só. Hoje, consigo perceber que o meu maior medo não eram as mortes. Meu maior medo era a solidão.

Durante minha infância a solidão foi minha fiel companheira, éramos a casa, o silêncio e eu. Estar só e imersa no silêncio de não ter outras vozes, sem ter alguém com quem conversar, incomodava. Entretanto essa experiência ensinou-me a importância do silêncio, o escutar além dos ruídos, a distanciar-me das grandes multidões e de seus barulhos estridentes.

Foi curioso perceber que, da infância para cá, o medo da solidão se manteve e só estava adormecido. Gaston Bachelard em “A Poética do Espaço”, declara que a solidão não pode ser esquecida, nem apagada, e acrescenta, que ela reconforta:

E todos os espaços de nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são em nós indeléveis. E é o ser precisamente que não quer apagá-los. Ele sabe por instinto que os espaços da sua solidão são constitutivos. Mesmo quando esses espaços estão para sempre riscados do presente, estranhos a todas as promessas de futuro, mesmo quando não se tem mais nenhum sótão, mesmo quando a água-furtada desapareceu, ficará para sempre o fato de termos amado um sótão, de termos vivido numa água-furtada. Voltamos a esses lugares nos sonhos noturnos. E esses redutos têm valor de concha. E, quando vamos ao fundo dos labirintos do sono, quando tocamos nas regiões de

sono profundo, conhecemos talvez uma tranquilidade ante-humana. O ante-humano atinge nesse ponto o imemorial. Mas no devaneio do dia, a lembrança de solidões estreitas, simples, comprimidas, são para nós experiências do espaço reconfortante, de um espaço que não deseja alargar-se, mas que sobretudo desejaria ser possuído ainda. Podíamos outrora achar a água-furtada pequena demais, fria no inverno, quente no verão. Mas agora, na lembrança reencontrada pelo devaneio, não se sabe por que sincretismo, a água-furtada é pequena e grande, quente e fresca, sempre reconfortante. (BACHELARD, pág. 203-204, 1978).

Ao ler tal trecho, fiz o exercício de recordar todas as vezes que a solidão fez morada em mim. E para minha surpresa, mesmo nos momentos mais obscuros, pude perceber que de fato havia um quê de reconfortante. Penso que o conforto que cheguei a sentir, foi minha mente se esforçando para acolher esse sentimento inesperado, mas que era resultado do percurso da minha vida.

Solidão, vazio e silêncio, essas três palavras são recorrentes em meus desenhos e relatos no caderno de artista.

A profunda conexão que tenho por elas não vem de agora; é algo antigo e caminha ao meu lado por anos. Uma complementa a outra, tal como uma tríade.

Posso pensar nessa tríade, e relacioná-la à criação de um desenho, onde uma ação complementa a outra. Se, para fazer um desenho, eu preciso acionar as linhas, os espaços, a luz, a sombra, etc. Para que eu fale sobre mim como constituinte da minha prática artística, parece ser preciso evocar tais palavras. Elas são parte de mim e parte dos meus desenhos.

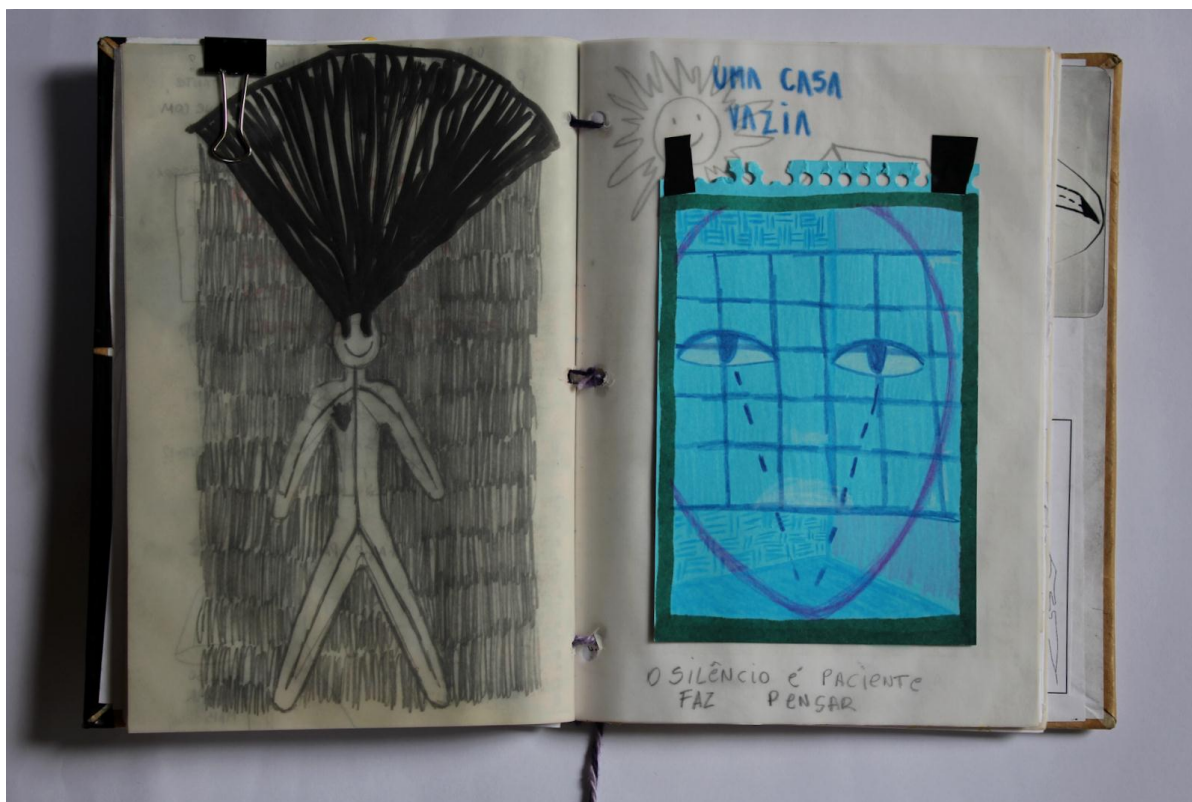


Figura 27: Verônica Fernandes. Sem título. 2022. Dimensões: 21 x 29,5 cm. Técnica Utilizada: desenho sobre papel, com lápis de cor, grafite e marcador [Caderno de artista]. Acervo da artista.

Fiquei surpresa ao perceber que retratei em um de meus desenhos a imagem de uma casa vazia, mas no desenho em si, não há vazios, mas sim um aglomerado de símbolos que me remetem aos vazios percebidos nesse ambiente. Nesse desenho, falo sobre os vazios existentes da casa. Me insiro no desenho, sou a personagem que observa a casa de fora, através da janela. Como procedimento, utilizei a sobreposição, construindo o desenho em camadas. Cheguei a pensar em delimitar o espaço respectivo ao vazio, mas não me pareceu suficiente.

No processo de sua construção, senti a necessidade de me colocar em cena, como pessoa que habita o vazio. Para pensar no vazio da casa, apresento o trecho do artigo “A Inelutável ‘Presença’ do Vazio: Diálogos” escrito por Suianni Cordeiro Macedo: “Olhar o vazio, sentir o vazio, pensar o vazio. O vazio atravessa todas as coisas, pois é capaz de transportar em si todas as coisas. Mas o vazio justamente por transpassar a existência das coisas, é presença.” (MACEDO, 2014).

Quando falo sobre o vazio da casa, não me refiro à falta de móveis. Não se trata de um vazio físico, vai muito além. Me refiro à ausência das pessoas que lá moram, ausência das vozes que lá ecoaram, a ausência das pessoas que não mais frequentam a casa. Esse vazio que se manifesta em mim e que vivencio dentro da casa, é consequência da imensa saudade sentida

por aqueles que partiram para longe, que partiram para sempre e daqueles que estão próximos, mas distantes.



Figura 28: Rogério Ghomes. Sinto saudades de tudo, inclusive de mim #2. 2019. Dimensões: Dimensões variadas. Site specific/neon. Print. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CU-3tXwF602/> . Acesso em: 21 de mar. 2022.

De outro modo, vejo que o silêncio funciona com medium. É através dele que, em sua capacidade de ressoar, consigo perceber o vazio à minha volta. A solidão transborda, joga na minha cara tudo que o silêncio ressoa.

Vejo que é em meio a essa sensação de tudo e nada que ressoa a saudade. Sim, “sinto saudade de tudo, inclusive de mim”! (Gomes, 2019) Como haveria de não sentir, se nem o sol vejo diariamente, o vento não sopra sobre meu corpo com a mesma frequência de antes, mal noto os ciclos lunares e quando lembro que o céu está acima de mim, corro para vê-lo com alegria, mas ao olhar para cima só vejo um céu nublado e tempestivo. Como poderia não me perder, se a cada dois minutos de distração a memória falha e esquece. Poderia eu não sentir saudade? Sabendo que ao olhar à minha volta tudo que vejo é incerto?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demorei bastante para encontrar o tema da minha pesquisa, e tive muitas dúvidas do que me motivava a ser artista. E por esse motivo, tive menos tempo para a realização dessa pesquisa e por consequência esse estudo logo em seu início se desenvolveu muito no improvisado. Com a passagem do tempo, enquanto escrevia, desenhava e refletia, fui descobrindo sobre o que se tratava e o que eu queria dizer por meio dela.

Não comecei os capítulos pela ordem que eles são apresentados, fiz a escrita guiada por minha intuição, que indicava o caminho a seguir, para que eu chegasse à compreensão do símbolo da casa nas minhas práticas.

Durante a escrita dos capítulos, fui ao meu encontro para entender o que a casa representa em mim. Tomei consciência que a casa em mim é uma forma de acolhimento e abrigo, e assim, passei a me reconhecer como casa que me acolhe e permite que eu faça morada em mim mesma.

Me percebi enquanto pessoa que se abriu a si própria, mas que também faz morada na casa arquitetônica; que viveu nesse momento de isolamento causado pela presença do coronavírus e percebeu como esse contexto influencia no ambiente da casa que me abriga e que abriga minhas práticas artísticas.

Com a escrita voltei às casas da minha infância, e para além delas, fui ao encontro com a minha casa corpo de criança, recordando de onde vem a minha ligação com o símbolo da casa. Com isso, pude compreender o quão imprescindível é o simbolismo da casa, e que não quero e nem posso esquecer o que representa cada uma dessas casas, ou seja, quem eu fui nessas casas da infância, quem sou nessa casa-corpo e como vivo nessa casa arquitetônica.

E como conclusão de tudo isso, entendi que utilizo esses símbolos que são casas ou representações das mesmas, porque durante muito tempo, incluído o tempo dessa pesquisa, eu estive à procura de um lar, um abrigo. E isso significa que, se ter um lar arquitetônico não é suficiente, foi preciso me encontrar como lar, me encontrar nas casas da infância e nas relações familiares e de amizade que, para mim, também são abrigos.

Com essa pesquisa espero contribuir com todos aqueles que, assim como eu, estiveram perdidos e/ou ainda se encontram perdidos: perdidos em si, perdidos no tempo, perdidos na academia sem saber como se encontrar enquanto artistas.

Em resposta a essa sensação de perda, me volto ao símbolo da casa percebendo que este é parte fundamental da minha pesquisa artística. Sendo assim pretendo dar continuidade ao

tema por meio de projetos já idealizados neste TCC ou outros, que não foram incluídos nesta pesquisa, mas que permitem explorar e expandir o símbolo da casa, para criar novas habitações aptas para minha morada, mas tomando o cuidado de sempre deixar a porta aberta para que outros também possam nelas se abrigar.

REFERÊNCIAS

ALBIO, Helena Campus. **Onde habitam os afetos?** 2017. 65 f. TCC (Graduação) - Artes Visuais - Bacharelado, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 354 p. (Coleção Os Pensadores). Disponível em: www.cidadefutura.com.br/. Acesso em: 10 nov. 2021.

BUCKSDRICKER, Luciane. **A casa secreta: uma cartografia afetiva do espaço doméstico.** 2021. 208 f. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/>. Acesso em: 23 set. 2021.

GONÇALVES, Adriana de Souza Jordão. **Do imaginário à narrativa: a memória da casa da infância.** 2014. 152 f. Tese (Doutorado) - Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br/>. Acesso em: 01 set. 2014.

MACEDO, Suianni Cordeiro. A inelutável “Presença” do vazio: diálogos. **eRevista Performatus**, Inhumas, v. 2, n. 10, p. 1-4, maio 2014. Mensal. Disponível em: <https://performatus.com.br/estudos/klein-redin/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MUSSI, Luciana Helena; CÔRTE, Beltrina. O significado “afetivo” daquilo que chamamos “casa”: uma reflexão através do cinema. **Revista Kairós-Gerontologia**, Inhumas, v. 13, n. 8, p. 231-242, nov. 2010. Trimestral. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SCALENE. Furta-cor. Publicado pelo canal Secaletube. YouTube, 24 jul. de 2019. 1 vídeo (2:54 min). Disponível em: <https://youtu.be/M3PRXIPDM6o> . Acesso em: 10 nov. 2021.

APÊNDICE (CADERNO DE ARTISTA 1; CADERNO DE ARTISTA 2)

A seguir, apresento através de sequências de fotos, imagens dos cadernos de artista citados na pesquisa, respectivamente, elas indicam o Caderno 1, de 2021 e o Caderno 2, de 2022.

O caderno 1 surgiu para mim como uma salvação. Durante a pandemia eu me afastei de todas as minhas práticas, foi um baque muito grande estar distante da faculdade, dos meus amigos e de todas as outras atividades que faziam parte do meu dia-a-dia, com isso passei a me sentir sem rumo e muito sozinha.

Quando as aulas voltaram no formato de ensino remoto (ERE), fiquei muito contente mais com medo também, não sabia se iria dar conta de aprender, e de fato não foi nada fácil é um método extremamente cansativo. Passamos a viver dias de caos, com medo, inseguros e com baixas expectativas.

E em meio a esse caos, vi uma porta se abrindo através da disciplina de Tópicos em artes: Desenho práticas artísticas, ministrada pelo professor doutor Glayson Arcanjo de Sampaio. Minha expectativa para com essa disciplina era a de voltar a realizar práticas constantes de desenho, que até esse momento encontrava-se inexistente.

Para a realização desses desenhos optei por comprar um caderno pronto, alguns marcadores e canetas além de um pincel e um guache dourado, tudo dentro do que a minha condição financeira permitia naquele momento, que reuniria junto aos outros materiais que já tinha em casa; lápis de cor, aquarela, nanquim. O processo fluiu naturalmente e logo que houve o desbloqueio criativo, voltei a desenhar de forma compulsiva e intuitiva, sendo feitos vários desenhos por semana.

Nesse primeiro caderno expus as questões referentes às minhas saudades, os meus medos e acima de tudo as minhas descobertas. Por passar muito tempo em minha própria companhia e estar com as emoções a flor da pele, passar a me conhecer não foi tão difícil, mais foi repleto de dor.

Tendo a saudade como guia, fui recordando de muitas lembranças, que naquele momento diziam muito do porque sentia todas as emoções juntas e com tanta intensidade. Da necessidade de me reencontrar e me conhecer, penso que comecei um processo pessoal de cura, aceitando e perdendo os acontecimentos marcantes do meu passado, percebendo-os como ferramentas de transformação e os acolhendo com amor.

É esse processo de autoconhecimento e cura que se manifestou em meus desenhos, principalmente por meio do símbolo da casa e, é por isso, que há diversas casas desenhadas nesse primeiro caderno.

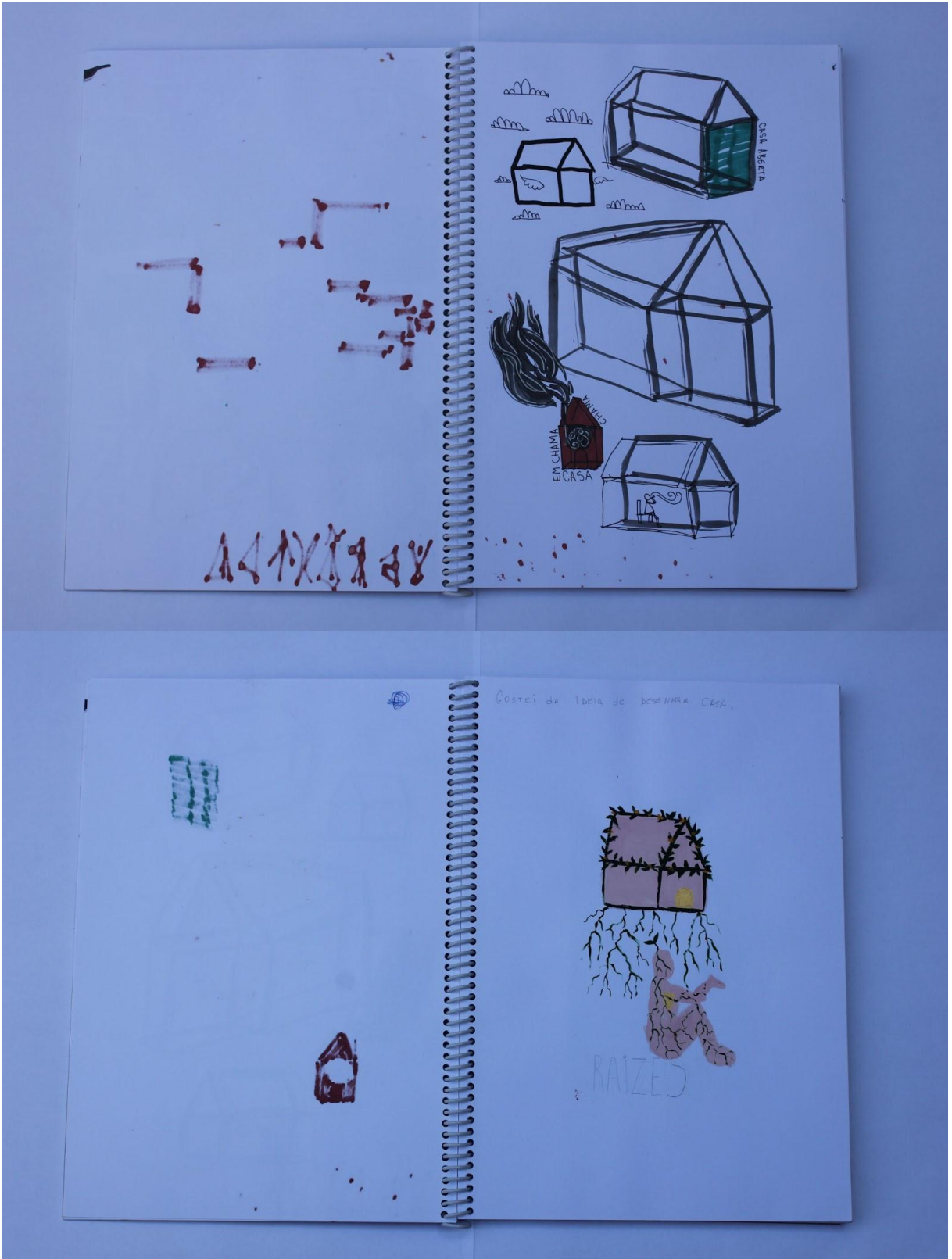
Como continuidade, iniciei desenhos no segundo caderno. Neste me programei para fazer um caderno mais bem acabado. Pensei nas medidas do caderno e escolhi os papéis que utilizaria. Durante as etapas de construção desse caderno, muitas coisas não saíram como o planejado, e cheguei inclusive a cortar meu dedo durante o trabalho. Depois desse acidente toda a minha paciência foi para o ralo. Mas o caderno, mesmo não ficando perfeito, foi feito com minhas próprias mãos, ficando apto para o uso. Os materiais utilizados neste segundo caderno foram os mesmos do caderno anterior; não comprei nada novo, entretanto a caneta e os lápis foram os materiais mais utilizados par realização dos desenhos.

Esse caderno, também incorporado aos processos de meu TCC do curso de Artes Visuais Bacharelado, foi realizado durante a pandemia, e nele constam desenhos que fluíram de forma espontânea e intuitiva, para dar continuidade às simbologias e às minhas vivências na casa. Nele expus novamente a saudade e os medos, bem como meu cansaço emocional e mental.

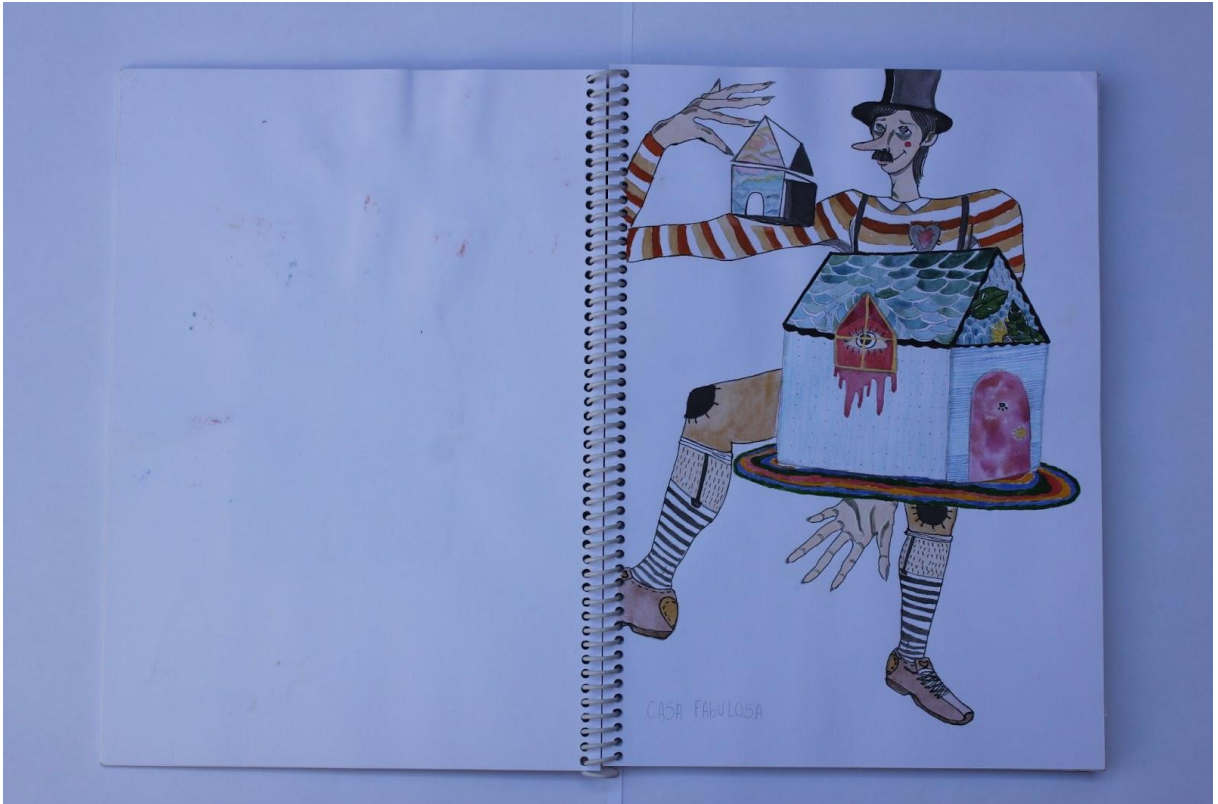
Estando há mais de dois anos vivendo nessa realidade, pude notar como o tempo passou com muita velocidade, e como tivemos que lidar com tudo de forma rápida, sem tempo para digerir todas as mudanças que surgiam, e só aceitando as coisas como elas chegavam até nós. Como consequência, percebo que os desenhos foram se transformando, expressando além desses estados e ânimos, certa melancolia e ironia.

CADERNO I

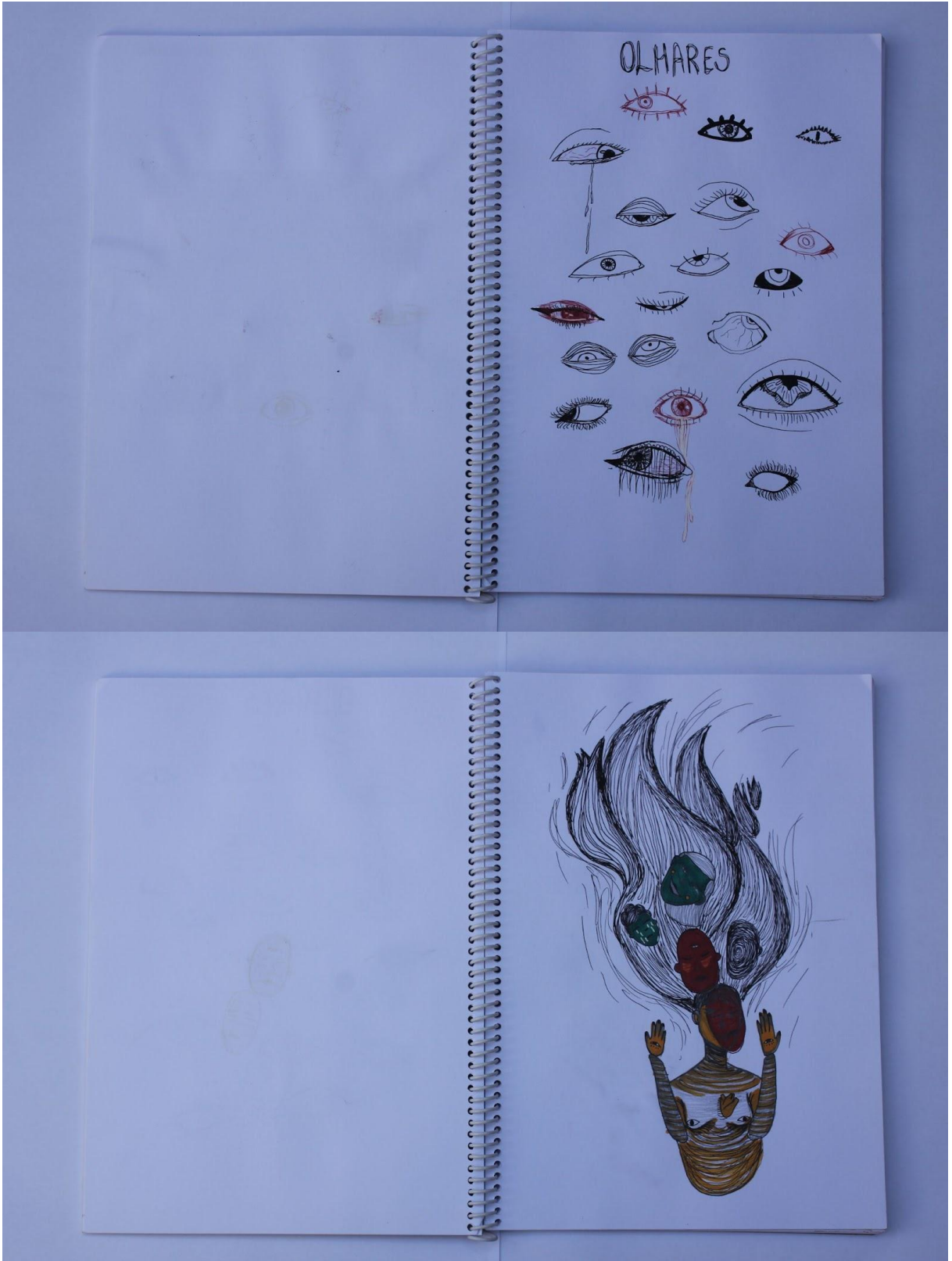






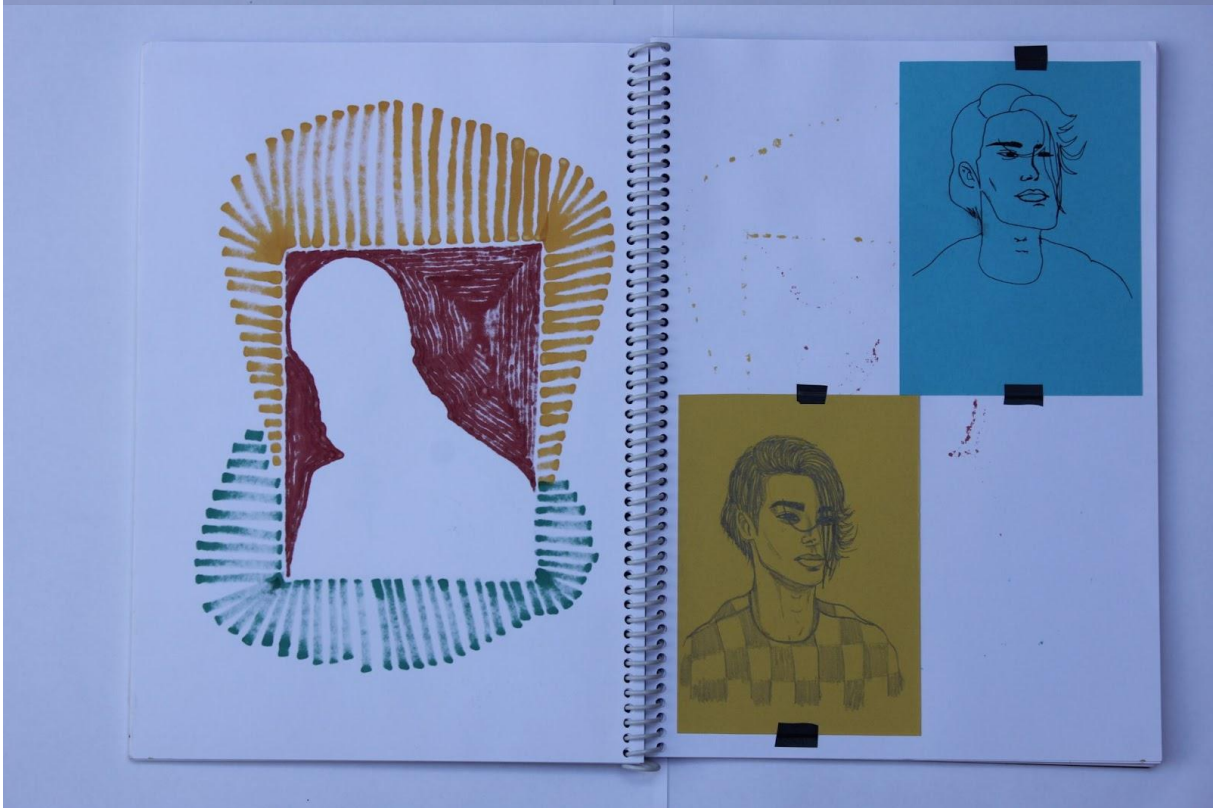


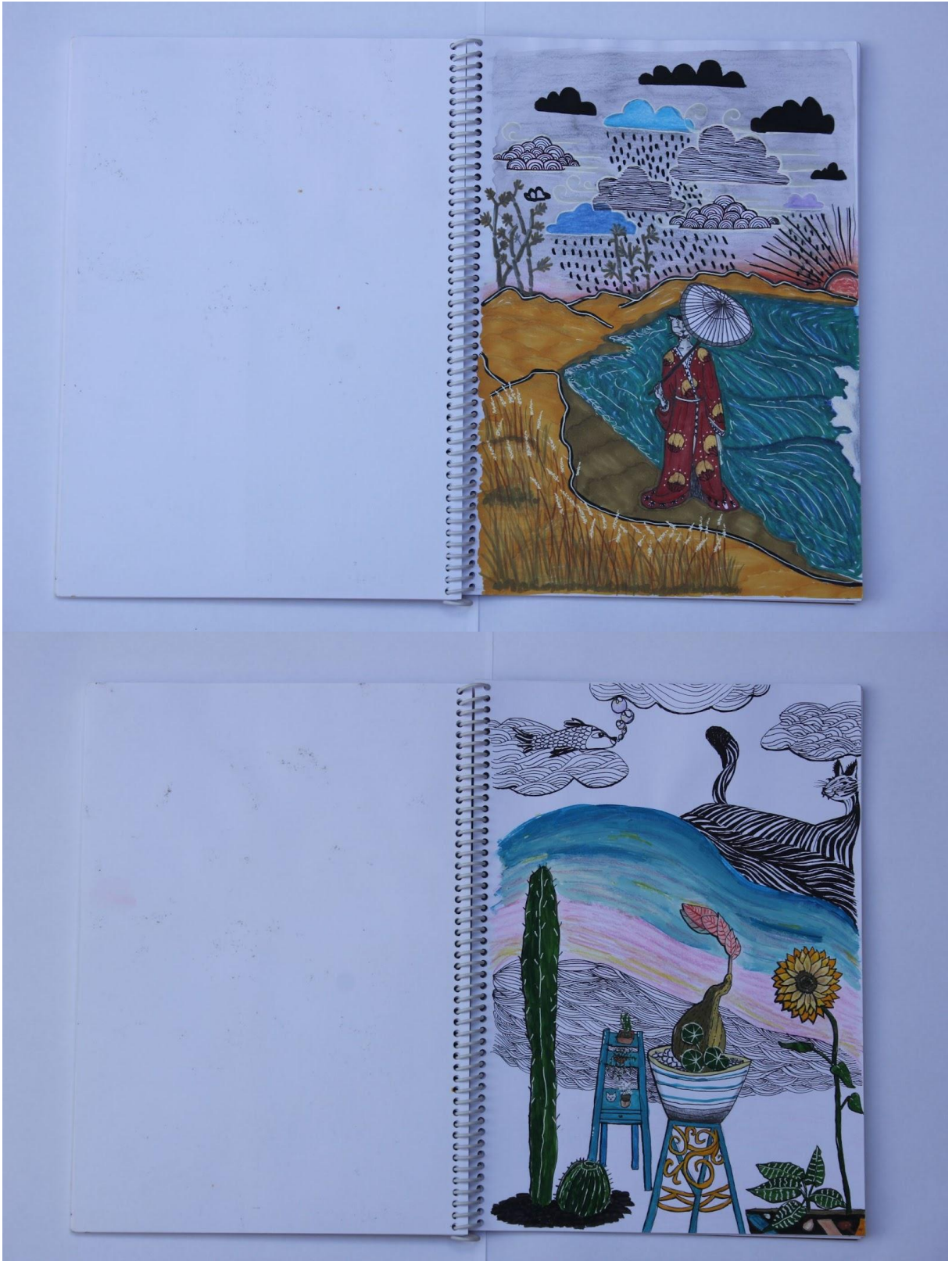


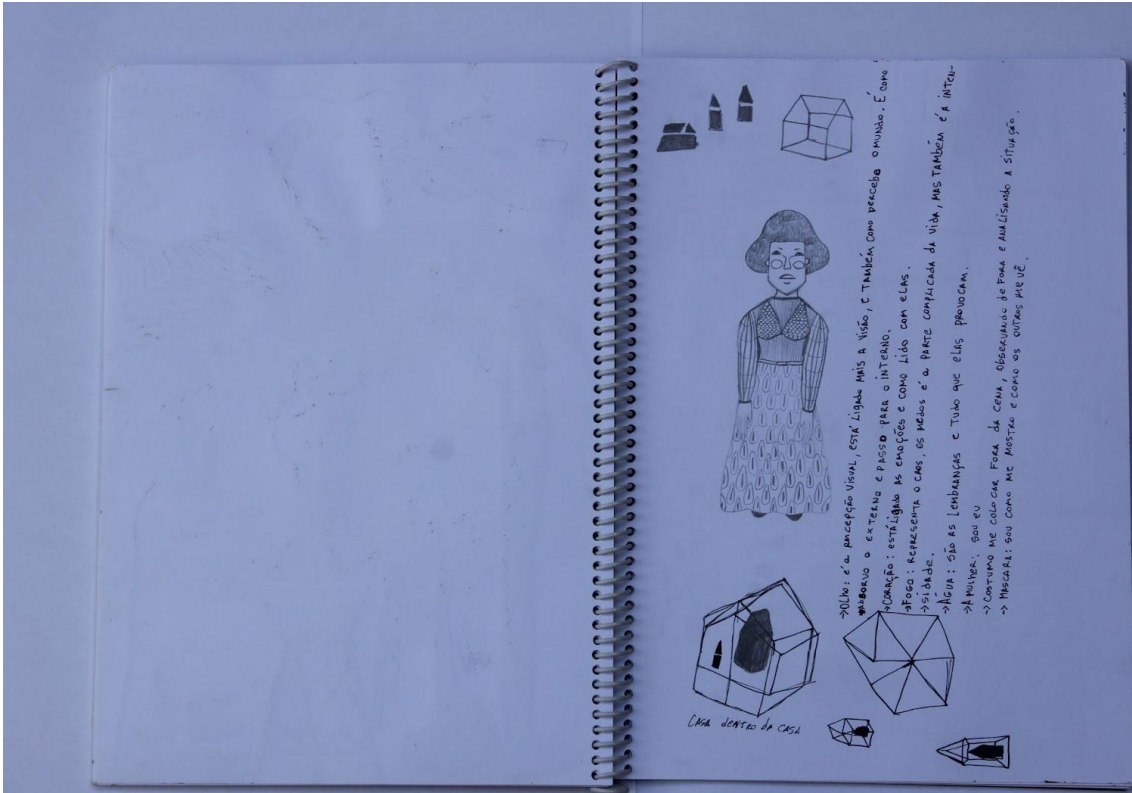












→ O LUGAR: é a percepção visual, está ligado mais a visão, e também como processo o mundo. É como um espaço o externo e passo para o interno.
 → O CAMINHO: está ligado às emoções e como lido com elas.
 → O FOCO: representa o caso, os meios e a parte complicada da vida, mas também é a intenção.
 → A LÍNEA: são as lembranças e tudo que elas provocam.
 → A MULHER: sou eu
 → O CONTEXTO ME COLIGA FORA DA CASA, OBSERVANDO DE FORA E ANALISANDO A SITUAÇÃO.
 → MASCARAS: sou como me mostro e como os outros me vê.

UMA DENTRO DA OUTRA



E se pegue uma esquina
 SAIR DE SI, ONDE SABE ESTAR
 CONFORTÁVEL.
 A PERIGARINHA, UM PASSO POR
 VEZ, CAMINHAR TEMEROSO
 MAS PERCISTENTE.
 SUA RESPIRAÇÃO SE NORMALIZA,
 O CORAÇÃO VOLTA A PULSAR
 SAUVÁVEL.
 DE REPENTE ESTÁ CALMO DO
 MAIS, ISSO COMO DA TEM
 SAUVÁVEL DE QUÊ??
 SERÁ A BUSCA DE MARALLINA,
 PULO EM CÂMERA LENTA RUMO
 AO ABISMO.

O PERCURSO A QUEDA

R
E
C
O
M
E
Ç
O

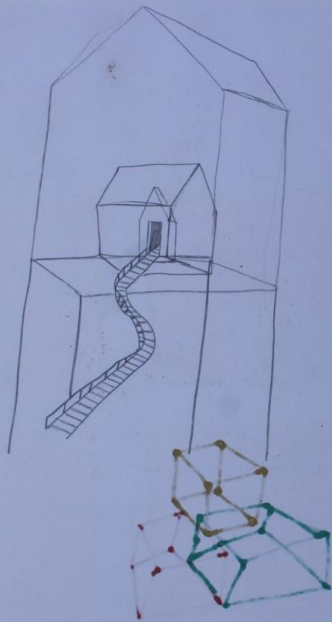
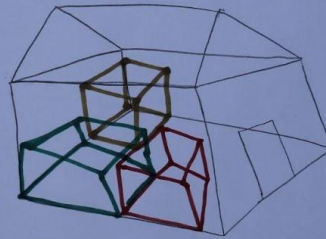
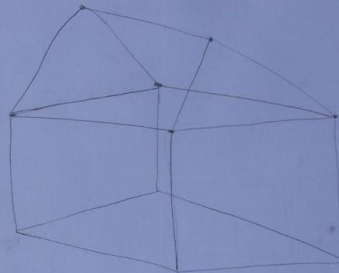


TRANSITOR



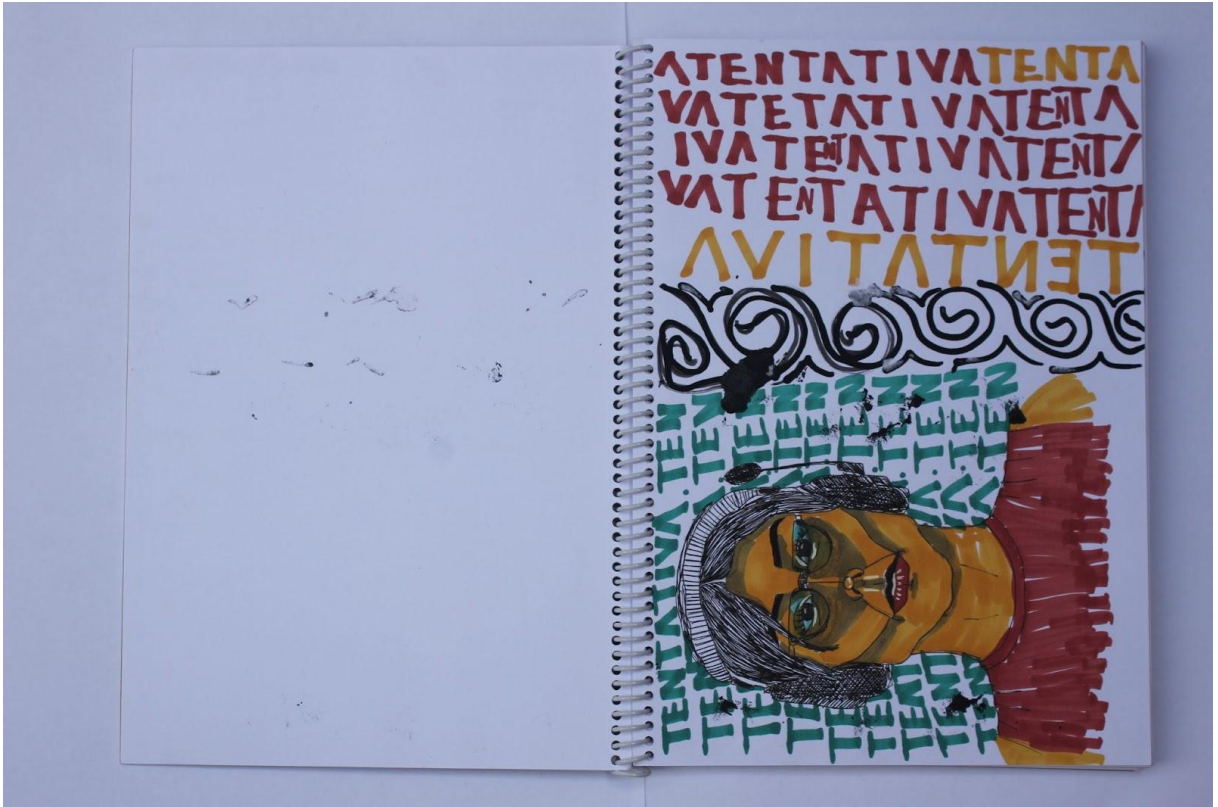
Tema: Situação
Pag. 92 e

Objetiva analisar as cen[?]situações que lhe são mostradas.
Um cenário que busca entender o que é mostrado.
Faz apontamentos precisos. Aos poucos deixa de fazer
parte da cena.
Já distante a veros com a máscara de Coelho.



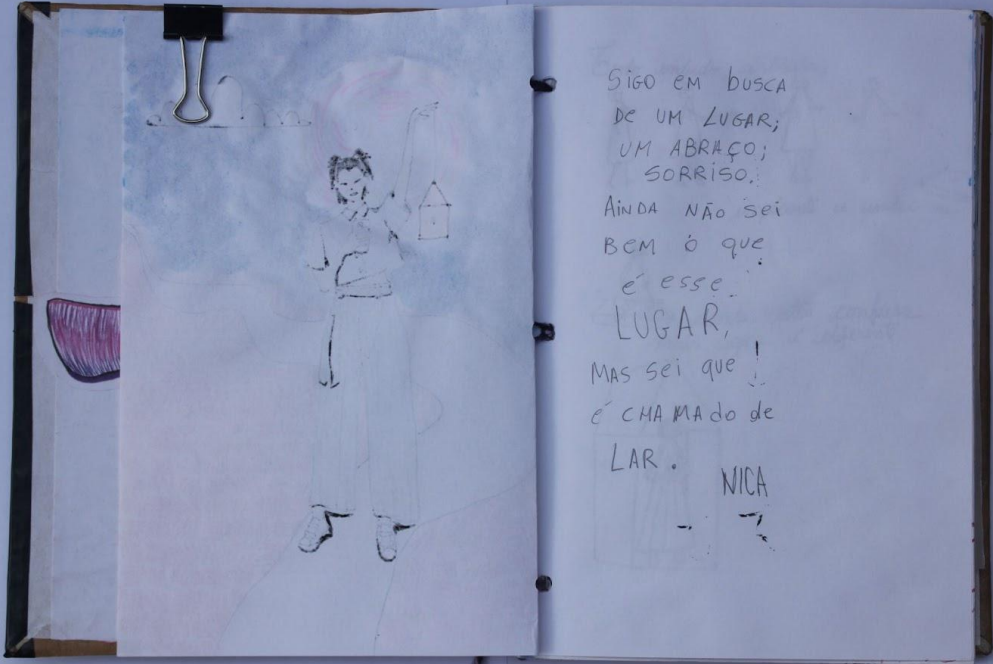


TUDO QUE
FLUI em mim
SE TRANSFORMA
QUANDO MINHA
MÃO TOCA O
PAPEL.

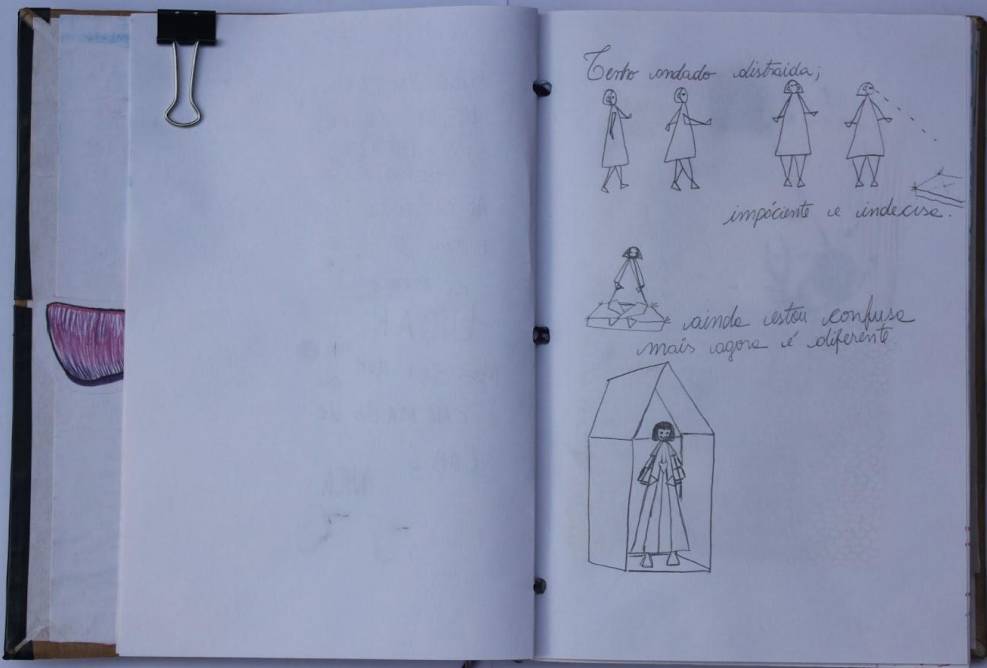


CADERNO 2





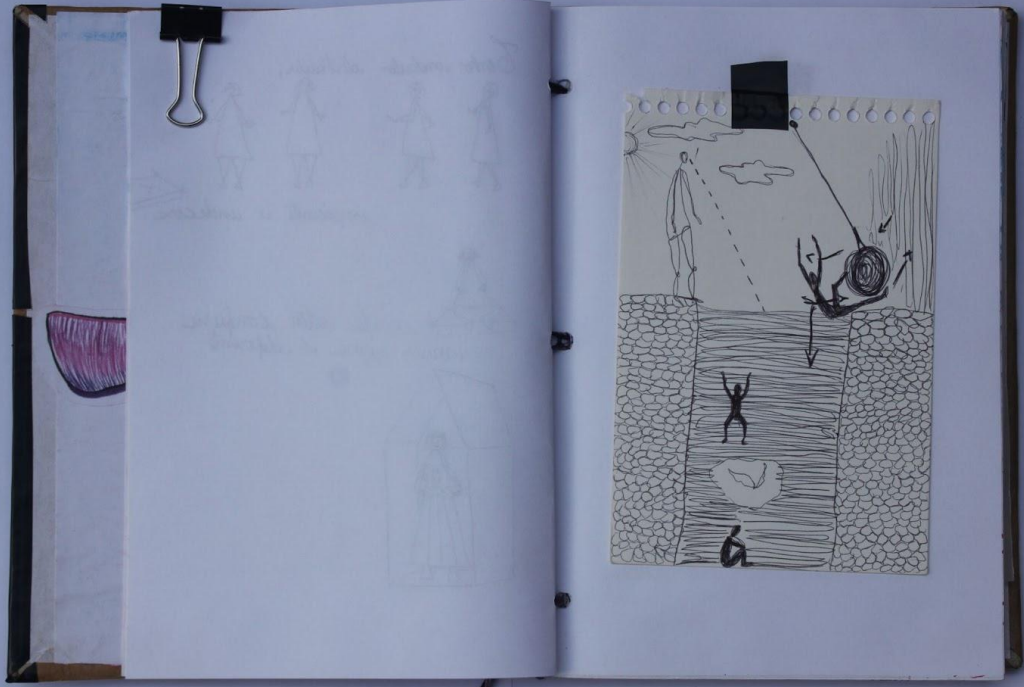
SIGO EM BUSCA
 DE UM LUGAR;
 UM ABRAÇO;
 SORRISO.
 AINDA NÃO SEI
 BEM O QUE
 É ESSE
 LUGAR,
 MAS SEI QUE
 É CHAMADO DE
 LAR. NICA

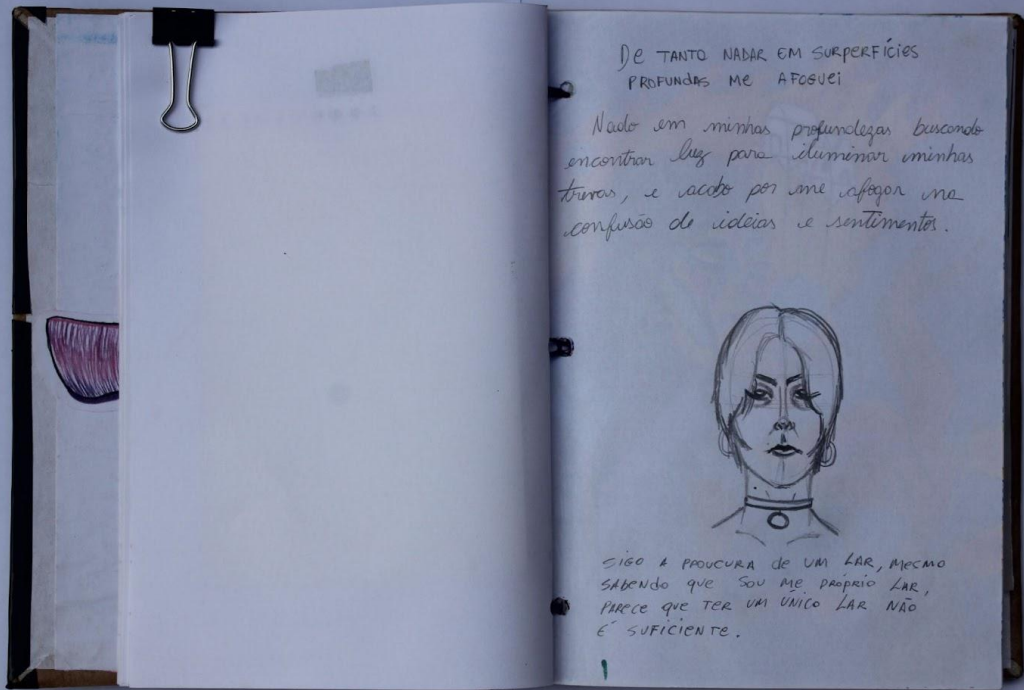


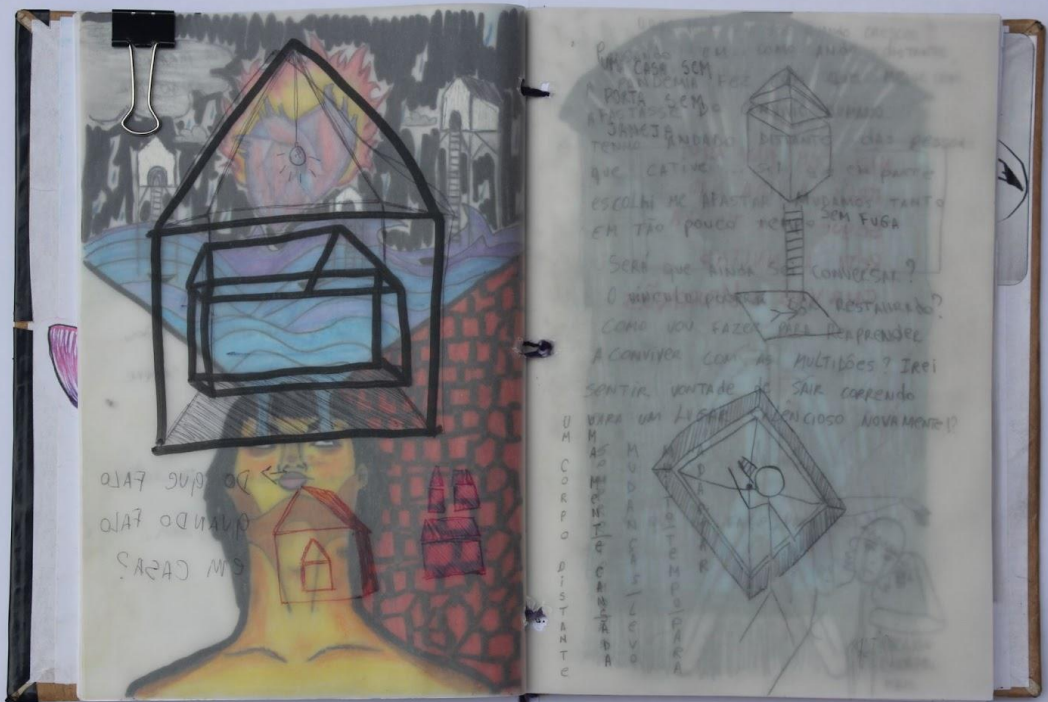
Como andador distraída;

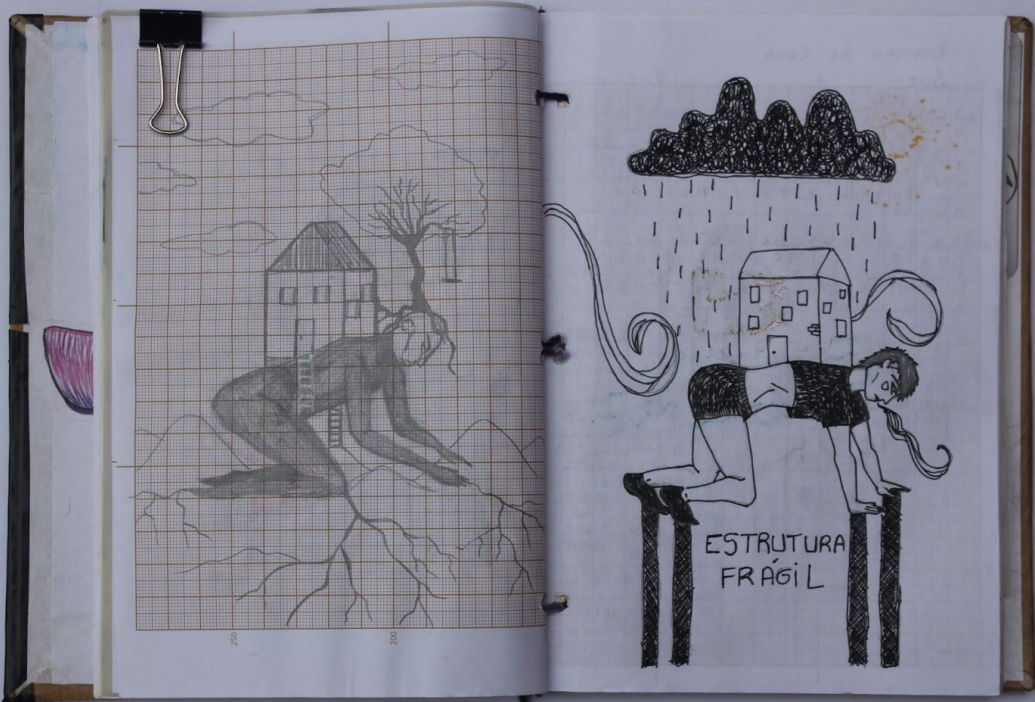
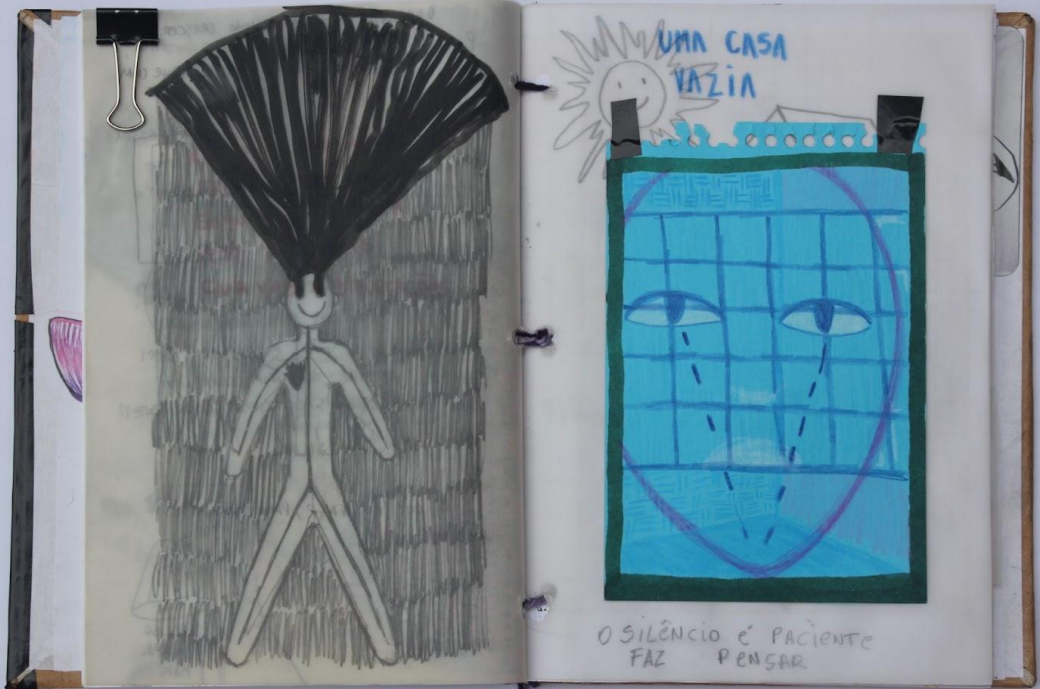
impaciente e indecisa.

ainda estou confusa
 mas agora é diferente











MAIS QUANTAS PAIXÕES
SERÃO PERDIDAS, NA
FALTA DE TEMPO?
FALTA DE SI/MIM

OLHAR
PARA
DENTRO



